

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA GRAUS BACHARELADO E
LICENCIATURA

SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA

**A LINGUAGEM DO “CORPO ENCAPOEIRADO” FRENTE ÀS DIFERENÇAS DE
GÊNERO E “RAÇA”**

UBERLÂNDIA
2023

SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA

**A LINGUAGEM DO “CORPO ENCAPOEIRADO” FRENTE ÀS DIFERENÇAS DE
GÊNERO E “RAÇA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito obrigatório para obtenção dos graus de Bacharela e Licenciada em Educação Física.

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq).

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado

UBERLÂNDIA
2023

A LINGUAGEM DO “CORPO ENCAPOEIRADO” FRENTE ÀS DIFERENÇAS DE GÊNERO E “RAÇA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para obtenção dos graus de Bacharela e Licenciado em Educação Física.

Orientador: *Prof. Dr. Vagner Matias do Prado Uberlândia, 20 de janeiro de 2023.*

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado (UFU/MG)

Titular: Profa. M.a Ivanildes Teixeira de Sena (Integrante da Coordenação de Educação da Unidade CASE Irmã Dulce- Camaçari da FUNDAC/BA)

Titular: Profa. M.a Andreia Sousa de Jesus (Doutoranda em Ciências Sociais FCL/UNESP/SP)



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Graduação em Educação Física: Licenciatura e Bacharelado - Integral - 5000702LBI				
Defesa de:	Trabalho de Conclusão de Curso				
Data:	20/01/2023	Hora de início:	17:00	Hora de encerramento:	18:30
Matrícula do Discente:	11721EDF015				
Nome do Discente:	Sandy Cristine Prata de Oliveira				
Título do Trabalho:	A linguagem do "corpo encapoeirado" frente às diferenças de gênero e "raça"				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				

Reuniu-se na sala virtual: <<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/vagner-matias-do-prado>>, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Educação Física, assim composta: Profa. M.a Ivanildes Teixeira de Sena (Integrante da Coordenação de Educação da Unidade CAsE Irmã Dulce- Camaçari da FUNDAC/BA), Profa. M.a Andreia Sousa de Jesus (Doutoranda em Ciências Sociais FCL/UNESP/SP) e o prof. Dr. Vagner Matias do Prado, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos, o(a) presidente da mesa, Dr(a). Vagner Matias do Prado, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

(X) Aprovado(a) Nota [99] (Somente números inteiros)

OU

() Aprovado(a) sem nota.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vagner Matias do Prado, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/01/2023, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanildes Teixeira de Sena, Usuário Externo**, em 02/02/2023, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andreia Sousa de Jesus, Usuário Externo**, em 03/02/2023, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4202329** e o código CRC **E362A637**.

Dedico este trabalho ao povo preto!

Iê!

*Foi no Rio de Janeiro
Num dia de quarta-feira
Mataram mais uma preta
Mataram mais uma preta
Mataram uma companheira*

*Sua vida, minha colega
Sempre foi de muito risco
Pra quem luta todo dia
Contra o machismo e o racismo*

*Mas é na luta que aprendemos
Vai a flor, fica a semente
Enquanto estivermos juntas
Marielle está presente
Camaradinha*

Ladainha de Mestra Janja e Joana Nery

AGRADECIMENTOS

Primeiro quero pedir licença e agradecer às minhas e meus ancestrais que lutaram por suas vidas todos os dias, quando chegaram cruelmente no Brasil. Sem a luta do povo preto, pessoas como eu não estariam em uma universidade, aprendendo e ensinando, por isso deixo minha eterna gratidão às mulheres e homens pretos, antecessores de luta.

Agradeço de coração a minha mãe Angela, minha irmã Sângela e a vovó Valdete que sempre me ampararam e torceram pelo meu sucesso. Se hoje estou aqui, é porque juntas acreditamos nesse sonho.

Agradeço a minha companheira de vida e melhor amiga Layla de Oliveira, que nos momentos bons e difíceis teve a sensibilidade de me compreender e me abraçar.

Também agradeço minha família da Capoeira Angola, especificamente o *Grupo de Capoeira Angola Galo Cantô*, meu Mestre Saturnino, meu mano Treinel Bigode, minha mana Michelle e todas e todos as/os camaradas de vadiação integrantes do grupo que me ajudaram na construção da minha identidade e lugares de fala, me alimentando todo dia com sua filosofia e formas de gingar na vida. Salve o povo Angola!

Agradeço à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU) que me incentivou e me apoiou na vida acadêmica.

Agradeço meu orientador Vagner Matias do Prado, que me aceita e valoriza minha história desde o início. Me ensinando a “plantar boas sementes” no mundo acadêmico conforme minha temática de potencialização das mulheres pretas na Capoeira Angola.

Agradeço às mulheres *Coletivo Mulheres do Galo Cantô* que aceitaram participar desta pesquisa, suas palavras aqueceram e alimentaram minha Capoeira como minha filosofia de vida.

Agradeço a BANCA de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso composta pelas professoras, Professora Mestra Ivanildes Teixeira de Sena e a Professora Mestra Andreia de Jesus por gentilmente terem aceitado emprestar contribuição para a melhoria deste trabalho.

Agradeço também às minhas amigas e amigos do ensino médio e da graduação que estiveram presentes a todo momento do curso, me amparando.

Agradeço o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e se Programa de Iniciação Científica na Graduação (PIBIC/CNPq).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os corpos que gíngam	34
---------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Angoleiras pretas e não pretas	37
--	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 e 02: Participação nos Jogos Universitários Brasileiro- JUBs, Brasília-DF, 2022.....	48
Foto 03: Apresentação no VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2022.....	49
Foto 04: Reunião Mensal do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades, 2022.....	50
Foto 05: Encontros semanais do Grupo de Estudos em Raça, Cultura e Educação Física, 2020.....	50
Foto 06: Apresentação no Seminário o Seminário de Direitos Humanos em Educação Física e Esporte: desafios e perspectivas, na categoria “V - Igualdade Étnico-racial”, 2021	51
Foto 07: Participação no Evento Desportivo organizado pela FISU em Cartago, Costa Rica, 2022.....	51

RESUMO

A presente Trabalho de Conclusão de Curso, resultante de uma pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida junto à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU), e que contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/PIBIC) insere-se nas problematizações contemporâneas sobre gênero, “raça” e práticas corporais. Mais especificamente, pretende provocar discussões sobre espaços ocupados por mulheres, especificamente mulheres pretas, na vivência da mulher preta na Capoeira Angola. Objetivou-se compreender alguns motivos que levam mulheres pretas adultas a praticarem a Capoeira Angola e como o marcador social de “raça” perpassa as relações entre elas e suas práticas, em um grupo de Capoeira Angola de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Pretendeu-se também identificar como as praticantes percebem as relações entre gênero e “raça” na prática de Capoeira Angola. A pesquisa qualitativa norteou o estudo e os dados empíricos aqui compilados foram gerados a partir de questionários e entrevistas estruturadas de 7 mulheres pertencentes ao coletivo em questão que reside no interior de Minas Gerais. Como resultado, notou-se um entendimento das diferenças de tons de pele (pretas, pardas e brancas), mas também a dúvida de se encaixarem dentro dessas categorias “racializadas”. Constatamos também que há, pelas colaboradoras, a consciência das tentativas de apagamento de suas histórias e a concessão social e estrutural do poder para pessoas e instituições opressoras). Dessa forma, o conceito “corpo encapoeirado” foi originado pela Mestre e Pesquisadora Ivanildes Sena, tratando dos diferentes diálogos de corpos, tendo então seu principal papel questionar a representação padronizada. A Capoeira Angola foi e é um espaço para “dar cor” (e essa cor é preta!), favorecendo a construção de espaços de resistência contra o racismo e apagamento da história de povos africanos e afro-brasileiros. Em segundo ponto, elas apontam que a história da Capoeira é atravessada por valores sociais que, de certa forma, legitimam o protagonismo dos homens no poder. Visualizar a presença de mulheres nesses espaços, falando sobre si e por si mesmas, é fundamental para combater e desconstruir práticas e valores machistas que permeiam os diversos espaços de nossa sociedade, dentre eles, os destinados às práticas corporais e/ou esportivas, como a Capoeira Angola.

Palavras-Chave: Capoeira Angola, Mulheres Pretas, Gênero, “Raça”.

ABSTRACT

This Course Completion Work, resulting from a Scientific Initiation research, developed at the Faculty of Physical Education and Physiotherapy of the Federal University of Uberlândia (FAEFI/UFU), and which has the support of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq/PIBIC) is inserted in contemporary problematizations about gender, “race” and body practices. More specifically, it intends to provoke discussions about spaces occupied by women, specifically black women, in the experience of black women in Capoeira Angola. The objective was to understand the reasons that lead adult black women to practice Capoeira Angola and how the social marker of “race” permeates the relationships between them and their practices, in a Capoeira Angola group from a city in the interior of the state of Minas Gerais. It was also intended to identify how practitioners perceive the relationship between gender and “race” in the practice of Capoeira Angola. Qualitative research guided the study and the empirical data compiled here were generated from sessions and structured interviews with 7 women belonging to the collective in question located in the interior of Minas Gerais. As a result, an understanding of the differences in skin tones (black, brown and white) was noted, but also the doubt of fitting within these “racialized” categories. We also noticed that the collaborators are aware of attempts to erase their stories and the social and structural concession of power to oppressive people and institutions. In this way, the concept “encapoeirado body” was originated by Master and Researcher Ivanildes Sena, dealing with the different dialogues of bodies, having then its main role to question the standardized representation. Capoeira Angola was and is a space to “give color” (and that color is black!), favoring the construction of spaces of resistance against racism and the erasing process of the history of African and Afro-Brazilian peoples. Secondly, they point out that the history of Capoeira is crossed by social values that, in a way, legitimize the protagonism of men in power. To visualize the presence of women in these spaces, talking about themselves and for themselves, is fundamental to fight and deconstruct sexist practices and values that permeate the various spaces of our society, among them, those destined to corporal and/or sports practices, such as Capoeira Angola.

Keywords: Capoeira Angola, Black Women, Gender, “Race”.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETIVOS.....	18
Objetivo geral.....	18
Objetivos específicos.....	18
3 REVISÃO DE LITERATURA	19
3.1 Capoeira Angola: A prática de mulheres pretas no contexto de relações entre esporte, gênero e raça	23
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
4.1 Abordagem	30
4.2 Tipo de pesquisa	30
4.3 Instituição e participantes.....	30
4.4 Instrumentos de coleta de dados.....	32
4.5 Forma de análise de dados.....	33
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1 Perfil das mulheres participantes	34
5.2 Principais motivos que as levam a praticar a Capoeira Angola.....	37
5.3 Relações percebidas nas entrevistas sobre Capoeira Angola, Gênero e “Raça”.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7 ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIBIC/CNPq) QUE ORIGINOU O TCC	48
8 REFERÊNCIAS.....	52
9 ANEXO	56
9.1 ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56
9.2 ANEXO B- PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA JUNTO AO COMITÊ DE ÉTICA VIA PLATAFORMA BRASIL.....	58
10 APÊNDICE.....	60
10.1 APÊNDICE A - Questionário para perfil da participante.....	60
10.2 APÊNDICE B - Entrevista Estruturada.....	62

1 INTRODUÇÃO

A temática eleita para a presente investigação, que “suleou” o desenvolvimento de uma pesquisa em nível de Iniciação Científica pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e que originou este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), se insere nas discussões sobre Educação Física, relações de gênero e suas intersecções com a ideia de “raça”. A proposta contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este estudo é produzido a partir do ponto de vista de mulheres pretas e não pretas sobre suas posições sociais nas práticas corporais e esportivas. Mais especificamente, como nos locais destinados à prática da Capoeira Angola, as mulheres se relacionam e estabelecem conexões entre a prática exercida, a posição de mulher e como a categoria “raça” transpassa tais relações.

Os fatores que determinaram a escolha do tema tiveram como base as questões de “raça”, gênero e Capoeira Angola, sendo então, temáticas presentes em minha vida como mulher preta e capoeirista, desde a infância. Foi adquirido no caminhar do meu envolvimento com a Capoeira Angola o que chamaria de “grande criticidade política”, social e econômica devido às diversas (des)valorização desse ambiente, por ser uma prática ancestral trazida e criada por pretas/os, muitas/os escravizadas/os no Brasil.

É importante problematizar que, independentemente das linhagens das Capoeiras, a partir do machismo estrutural¹, a Capoeira teve sua prática condicionada aos homens pretos. Qual seria, então, o espaço da mulher preta nesse contexto?

Quando nasce uma mulher preta², de classe baixa, média ou alta, de uma forma não generalizada, ela passa, desde pequena, por algumas experiências de sobrevivência. Essas sobrevivências são lutas contra preconceito, racismo aderido na sociedade de forma histórica e estrutural. Desta forma, o enfrentamento das lutas contra o racismo, muitas vezes vêm de “berço”, sendo então ensinadas/aconselhadas por suas antepassadas como mães, avós, tias e todas aquelas mulheres pretas que fizeram parte da vida de uma outra mulher preta “novata”, de forma direta ou indireta.

Segundo Lorde ([s.d], p. 27) “Para as mulheres, a necessidade e desejo de nutrir uma à outra não é patológica, mas sim redentora; e é dentro desse conhecimento que nosso poder real é redescoberto”. Ou seja, o coletivo de mulheres pode transformá-las em mulheres mais fortes perante a sociedade, já que, de forma direta ou indireta, são influenciadas entre elas.

¹ Machismo estrutural é uma cultura inerente a diversos aspectos de uma sociedade, tendo sido normalizado por décadas. Podendo influenciar outros preconceitos sociais existentes até hoje e inferiorizando certa comunidade específica por causa de suas diferenças de gêneros. Disponível em: <<http://www.vargemalta.es.gov.br/noticia/ler/1611/machismo-estrutural-conceito-e-caracteristicas>>. Acesso em: 01/02/2021

² Termo “preto(a)” modificado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois o termo negro(a) reflete à diversas classificações de cores da pele.

Muitas capoeiristas têm se juntado e formado coletivos para estudos, desvelando diferentes sistemas de opressões que são camufladas e/ou apagadas. Como exemplo destaco que em uma roda de Capoeira, existe a pessoa que inicia o canto e o restante das pessoas na roda fazem o coro da tal música iniciada. Para uma mulher iniciar um canto, ela precisa ter garra e passar por um julgamento de padrão de voz bonita e bem cantada, se não um homem começa outra música acima, sem ao menos pedir licença.

Estudar as relações entre gênero e “raça” na Capoeira Angola se mostra de grande importância para abordar essas temáticas nas diversas academias presentes. Mesmo com os avanços da temática, quando se fala de mulheres capoeiristas ainda há poucas referências escritas, pois, apesar da presente discussão e compartilhamento de pontos “gritantes” considerados essenciais nos coletivos de mulheres, ainda há poucas publicações de textos. Menezes (2020), questiona a falta de publicações sobre gênero e “raça” na Capoeira Angola, enfatizando que, o movimento das mulheres pretas passa, constantemente, por estratégias de resistências contra o sistema e ataques discriminatórios, subvertendo tentativas de sua “invisibilização” através da oralidade, do corpo, das cantigas e da perpetuação de suas memórias, dessa forma, é compreendido a pouca publicação sobre essa temática, devido a tentativa constante de silenciamento nos registros escritos. Assim, esta pesquisa “soma” com as referências presentes, destacando a interseccionalidade de corpo, gênero e “raça” na Capoeira Angola.

Para não ser uma pesquisa com um tema amplo e confuso, pretendi enfatizar o assunto na prática da Capoeira Angola. Essa prática corporal é considerada uma luta, dança e até mesmo um teatro, mas apenas para aquelas que a conhecem. Porém, a Capoeira Angola não chega a ser reconhecida, devido ao grande reconhecimento da Capoeira Regional nos últimos tempos, mesmo sendo a primeira Capoeira “trazida” para o Brasil.

Em razão da amplitude de reconhecimento da história da Capoeira, a atual temática está em constante crescimento nas academias relacionadas a sua prática, sejam escolas da cultura popular ou nas universidades, devido às conquistas de espaços, graças à resistência de pessoas pertencentes a essa prática. Por conseguinte, esta pesquisa enfatiza, de certa maneira, o enfrentamento corporal das capoeiristas nos desafios físicos e psicológicos em se afirmar nesses espaços que são delas como de qualquer outra pessoa.

Vale ressaltar os desafios de pesquisar e participar do ambiente da Capoeira, pois, essa prática corporal e cultural se torna um “local” de grande valorização ancestral (passada de geração para geração). Todavia, com ela, também podemos desvelar o machismo, sexismo, LGBTfobia entre outros preconceitos que podem transpassar as relações entre as e os capoeiristas. Caberia a difícil tarefa de ressignificar atitudes inseridas que instituem e reproduzem esses preconceitos, sem menosprezar os saberes dos e das mestras da Capoeira

Angola.

A partir do posto, o problema investigativo que orientou a pesquisa foi: como nos locais destinados à prática da Capoeira Angola as mulheres se relacionam e estabelecem conexões entre a prática exercida e de que maneira a categoria “raça” transpassa tais relações?

Hoje em dia conhecemos algumas mestras de Capoeira Angola. Todavia, quando analisamos esse cenário a partir de um recorte de gênero, percebemos que o número de mestres homens é significativo. Mesmo que a presença das mulheres demonstra certo “avanço” na prática e formação na modalidade, existem milhares de angoleiras pretas espalhadas pelo mundo que não tem o mesmo valor dentro de um grupo, quando comparada com um aprendiz homem, fazendo com que a própria mulher possa se sentir “incapaz” de desenvolver sua arte.

Assim como a Capoeira Angola teve seu valor social reduzido, pelo fato de ser uma prática vinda de pessoas pretas, as angoleiras pretas, dentro dessa prática, também são invisibilizadas, por serem mulheres e mulheres pretas. Além de hipotetizar que a Capoeira passa por um processo de “embranquecimento” desde o momento de sua esportivização³ e a enorme quantidade de pessoas brancas na prática, retomo o assunto sobre as práticas das mulheres e sua transmissão de geração para geração que, em muitos contextos, por falta de incentivo, às mulheres pretas aprenderam a perceber negadas suas histórias, sua arte, sua luta, seu esporte e, até mesmo, seus lugares de voz (que são todos!).

Conforme as teorias e práticas adquiridas em minha vivência na Capoeira Angola, a escolha do curso de Educação Física e a inserção no Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividade (GPESP) teve grande influência acadêmica em minha intenção de desenvolver uma Iniciação Científica. Os ambientes “capoeirísticos” são espaços potentes para desenvolver discussões que envolvem corpo, gênero, raça e suas diversidades, mesmo com meu enfrentamento de padrões pré-estabelecidos sobre corpo pelo próprio curso de Educação Física, do qual faço parte.

No que se refere à ideia de padrões pré-estabelecidos, a prática da Capoeira Angola materializa alguns referentes a não adequação da mulher nessa prática corporal. Hipotetizo que em alguns contextos para suas experimentações, podemos observar certa desvalorização das mulheres e, mais especificamente, mulheres preta praticantes; o sexismo; “políticas compensatórias” ao ter certa necessidade de se afirmar “boa” e capaz de pertencer àquele espaço; a ideia de masculinização do corpo da mulher, devido a ela estar inserida em atividades esportivas, dentre outros aspectos que nos permitem problematizar as relações de

³ Compreendo como movimento de “esportivização” na Capoeira as tentativas de transformá-la em uma modalidade esportiva de combate a partir de regulamentações, de federações e regulamentações.

gênero, as práticas corporais, esportivas e a presença da mulher preta nesses espaços.

O presente tcc foi estruturado, após esta introdução, com os objetivos da investigação realizada. posteriormente apresento a revisão de literatura e procedimentos metodológicos, no qual apresento dados sobre as participantes e a forma de análise que será desenvolvida a posteriori. Sigo, então, com as seções de resultados, os resultados preliminares e as referências utilizadas no decorrer do texto.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender os motivos que levam mulheres pretas adultas a praticarem a Capoeira e como o marcador social de raça perpassa as relações entre elas em um grupo de Capoeira Angola de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais.

Objetivos específicos

- Delinear o perfil social das mulheres participantes da investigação;
- Averiguar quais os principais motivos que as levaram a praticar a Capoeira Angola;
- Identificar como as praticantes percebem as relações entre gênero e raça na prática da Capoeira, no grupo foco da investigação.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Araújo (1999), capoeira é uma palavra de origem tupi que significa vegetação que nasce após a derrubada de uma floresta. Este nome foi também dado ao Jogo de Angola que aparecia nas fazendas e cidades, desde que no Brasil foram trazidos os primeiros grupos de escravizadas/os africanas/os. A Capoeira, praticada nas senzalas, quilombos e ruas, já foi representada como uma “ameaça” pelo Estado, que não tardou em elaborar medidas de repressão e criminalização à capoeiragem, incluindo castigos físicos e prisão.

Segundo Braga (2014), em 1888 foi promulgada a Lei Áurea “libertando” as/os escravizadas/os. Tal “liberdade”, na prática, iniciou táticas de discriminação. Mesmo “libertas/os” e não havendo lugares para as pessoas antes escravizadas na sociedade, sem moradia e sem trabalho, muitas de suas atividades foram rotuladas como “malandragens”. A prática da Capoeira passou assim a ser alvo de marginalização por ser praticada nas ruas e por grupos urbanos pretos.

Em 1890 foi promulgado um Código Penal na então República dos Estados Unidos do Brasil (Decreto nº 847 de 1890) que, dos artigos 402 a 404, inseridos no capítulo XIII, criminalizava a prática de Capoeira:

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. **Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem:** andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; **Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.** A penalidade é a do art. 96. Parágrafo único. **É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.** Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dôbro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1890, p. 1 destaques nossos)⁴.

As medidas policiais contra a Capoeira só deixaram de vigorar a partir da década de 1930, na Era Vargas. Porém, isso não significou que a prática fosse completamente aceita e que suas/seus praticantes tivessem a liberdade para expor seus jogos (NZINGA, 2000).

Para Santos [s.d.], a Capoeira, além de se vincular ao contexto histórico apresentado, pode ser considerada como uma linguagem corporal da cultura brasileira que atinge os elementos da luta, esporte, cultura popular, dança, música, teatro, brincadeira e espiritualidade. Ela constrói relações sociais e familiares entre mestras e discípulas, sendo difundida de modo oral e movimentação nas ruas, escolas e academias.

⁴ Grafia utilizada a respeito da norma no Decreto.

Esses elementos corporais destacados também são conhecidos como valores civilizatórios afro-brasileiro. Valores no sentido de memória corporal, nosso modo de ser, nossa pele. Civilizatório por sermos, de certa forma, afrodescendentes, ou seja, “princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivos e subjetivas” (TRINDADE, s.d). Para Azoilda Trindade [s.d], a Capoeira Angola propõe um diálogo aberto com suas/seus praticantes. Ela possibilita ensinar e aprender sobre a importância dos desafios, movimentos, encontros e desencontros, emoções, prazeres, desprazeres, produção de saberes etc., e, nós, capoeiristas, precisamos dar continuidade a esse diálogo aberto. Dar continuidade a esse diálogo pode ser nomeado também como dar circularidade, no qual a roda, além de ter um significado ancestral devido seu valor civilizatório afro-brasileiro, também indica movimento, renovação, processo, coletividade daquela prática ou grupo. Além da circularidade, podemos falar também da corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade. Todos esses elementos são reconhecidos como “Valores civilizatórios”.

A corporeidade enfatiza a importância de ter cuidado com o corpo da outra pessoa. Mestre Pastinha dizia que nós capoeiristas temos um compromisso ético com o corpo da outra pessoa, ou seja, o corpo é compreendido como sagrado. Machado (2015, p. 100) cita que, “é esse mesmo corpo, em seu movimento e em sua relação com os outros, que é capaz de formar um corpo maior, um movimento cultural, político e social”. A musicalidade, que considero como a segunda protagonista da Capoeira, é que dá a calma e a agilidade e toda a ordem/ritmo dos movimentos a serem executados no nosso corpo, conforme seus toques e cantos.

A ludicidade é a questão teatral que eu citei anteriormente neste texto. É a mandinga⁵/malícia⁶ da Capoeira, a diversão, a celebração da vida. A cooperatividade, em minha concepção, é a primeira protagonista, é o se ocupar com o outro, ou seja, a comunidade. Machado (2015, p. 110) declara que a “vivência em comunidade representa a forma possível para o movimento de preservação e atualização das tradições e constitui-se como a base para a efetivação dos processos de transmissão de saberes”. Ou seja, é o momento de (trans)formação “capoeirística”, colocando em prática todos os aspectos citados, entre outros.

Mestra Janja comenta no site de seu grupo, Nzinga⁷, que na roda de Capoeira há uma

⁵ Mandinga é a habilidade da capoeirista em surpreender o oponente com sua esperteza e/ou agilidade.

⁶ Malícia na Capoeira significa a habilidade de surpreender o adversário, de fechar-se e evitar ser apanhado de surpresa pelo outro (FRIGERIO, 1989, p. 4).

⁷ Nzinga Mbandi Ngola, rainha de Matamba e Angola, viveu de 1581 a 1663 e representa resistência à ocupação do território africano pelos portugueses que transportavam para o tráfico dos povos escravizados. Devido a esse nome tão potente, Mestra Janja homenageou-a dando seu nome ao grupo (GRUPO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA).

dramatização de luta que transforma possíveis golpes em gestos contidos, no momento do toque na oponente. A movimentação individual nesta dança/luta está, fortemente, relacionada aos movimentos da outra capoeirista no jogo, em processos reflexivos, de autocontrole, segurança da “outra”, valorização da autoestima e de superações. “A capoeira é um processo de autoconhecimento que não se limita à atividade físico-corporal e busca uma reestruturação do indivíduo a partir de experiências coletivas” (NZINGA, 2018, p 1).

No século XX, no universo da Capoeira, Silva (2015) alerta que as mulheres praticavam Capoeira da mesma forma que os homens. Porém, o homem foi representado como propício para tal prática devido aos valores produzidos em torno das masculinidades: ser considerado como superior, forte e ativo. Já, as mulheres, por serem associadas como “domésticas”, passionais e maternais deveriam ter suas condutas alinhadas a significados como dóceis e frágeis.

Neste sentido, vale ressaltar a absurda Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que regimentava a proibição das mulheres praticarem atividades desportivas.

Capítulo IX: Disposições Gerais e Transitórias

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.
(BRASIL, 1941, p. 1).

A mulher que se entregava para a Capoeira nas ruas era discriminada e “malvista”. “Enquanto os homens capoeiras eram intitulados como, destemidos, fortes, dotados de agilidade, a mulher é vista como “valentona e briguenta”, adjetivos pejorativos de cunho inferior relacionado a questões emocionais” (VITÓRIA, 2015, p. 113).

Contudo, atualmente, a presença, ocupação e prática da Capoeira por mulheres contribui para desconstruir representações que a inferiorizam e subjagam. Mulheres precisam ser respeitadas e valorizadas, independentemente de seu tempo de jogo, garantindo um espaço democrático, de diversidade e quebra de preconceitos aderidos na sociedade (ZIMBA, 2017).

Mestra Janja relatou na pesquisa “Mulheres usam roda de capoeira como espaço de luta pela igualdade” que:

(...) a imagem das mulheres na capoeira estava inicialmente ligada à ideia de composição de paisagens, como espectadoras ou acompanhantes de capoeiristas”. “A presença feminina também estava vinculada às “ganhadeiras”, mulheres que trabalham vendendo quitutes, como as baianas do acarajé. Nas últimas décadas, pesquisas têm apontado que as mulheres começaram a ser protagonistas do ato de lutar e jogar capoeira. (BRASIL, 2018, p. 1).

Larissa Ferreira, aluna de Mestra Janja, nessa mesma pesquisa declarou:

A presença da mulher na capoeira é extremamente importante e é também um modo de reivindicar esse direito de existir em qualquer espaço”. “À medida que foi se envolvendo mais com a prática, a capoeirista relata que se sentiu desqualificada em

muitas situações. “Sempre que ia compartilhar algo sobre a capoeira, eu via um questionamento, uma pergunta do tipo “ah, mas você joga mesmo? Você joga bem?”. Sempre tentando desqualificar a presença da mulher na capoeira”. É um imaginário baseado num papel normativo da mulher ligado à ideia de fragilidade. (BRASIL, 2018, p. 1).

Diante da narrativa de Larissa, penso que as mulheres, que se envolvem não somente na Capoeira, mas também em outras práticas corporais e esportivas, na maior parte dos casos, são “adjetivadas” como frágeis, pois, a prática de determinados exercícios físicos e algumas modalidades esportivas são consideradas como “inapropriadas” para seus corpos.

Alves (2017) apresenta o termo “*desprincesamento*”, juntamente com a intersecção de contribuir para a desconstruir o mito da “fragilidade feminina”. Nesse sentido, podemos enxergar a tentativa de (des)construir estereótipos reproduzidos a partir da generalização das características que se esperam de uma pessoa, ou seja, o termo “princesa” como uma característica estereotipada de algo que se entende “para meninas”, que normalmente é vigiado, controlado, regulado para que essas “meninas” não fujam dos padrões impostos. De acordo com Carvalho (1987, p. 11) “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro”, gerando, então, construções sociais e políticas das sociedades para mobilizar o maior número de pessoas para agirem de acordo com os interesses sociais do poder hegemônico.

Mesmo com todos os estereótipos inseridos nesse espaço, muitas mulheres capoeiristas entendem que a Capoeira não é apenas uma luta, uma rasteira ou uma cabeçada. O jogo da Capoeira é “sentir” a expressão da outra, espiritualidade e, até conscientização sobre a letra do que é cantado nas rodas de Capoeira pela pessoa que opera o berimbau.

A prática da Capoeira tem se difundido em diversos espaços, dentre eles é notória sua presença nas escolas. A Capoeira inclui mais crianças do que exclui, pois, na prática, é importante enfatizar as diferenças dos corpos e a importância dessas diferenças na produção dos movimentos.

Na Educação Física escolar, segundo Santos (2017) a Capoeira se insere nos estudos da “pedagogização” por causa da sua história e de seus primeiros mestres, a construírem a escola de Capoeira para ensinar/contar sobre as lutas de escravizadas/os, antepassadas/os, contribuindo para o ensino do surgimento da Capoeira, ou seja, o reconhecimento dessa prática corporal como patrimônio do Brasil e mundial.

A Capoeira também pode ser inserida na área esportiva. Segundo o relato de Campos (2009), a Capoeira foi incluída na parte de aplicação esportiva dos métodos de ginástica, como o Método Natural Austríaco, Método Desportivo Generalizado e o Método Padrão, dentro das aulas de educação física. Assim, entendo a comparação da Capoeira com a ginástica por causa de seus elementos acrobáticos e suas linguagens corporais, destacando a

expressão corporal como linguagem. Ou seja, quando uma capoeirista desenvolve algum elemento acrobático ou não acrobático, ela irá expressar, de alguma forma, o início do movimento, dando chance para sua oponente escapar do golpe ou aplicar um contragolpe.

O corpo como produtor de linguagens pode ser considerado como um importado meio de interação com o ambiente. Ele é um artefato histórico e social, capaz de produzir conhecimento. Cada corpo tende a manifestar ações em seu tempo individual. Conforme as práticas e necessidades, ele muda fisicamente sua resistência. Santos (1995) citou em seu trabalho a escritora Sant'Anna (apud SANTOS, 1995, p. 12) que argumenta que “(...) o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história”.

Diante a representação colocada para o corpo das mulheres, tornando a prática da Capoeira como predominante “propícia” para o corpo do homem preto (penso que por causa do machismo), a mulher tende a manifestar sentimentos de negação ao ter o primeiro contato com a Capoeira devido algumas características que, assim, questiono: Por que a Capoeira é distinguida apenas como força física? Por que, no imaginário popular, as mulheres “não teriam” força física? Qual é o corpo “adequado” para ser uma capoeirista? Como se dá a presença das mulheres na prática da Capoeira? Como a negritude e o gênero transpassam essas relações?

3.1 Capoeira Angola: A prática de mulheres pretas no contexto de relações entre Esporte, Gênero e “Raça”

A Capoeira vem de linhagem africana, ou seja, epistemológica⁸ e corpórea das pessoas negras e, provavelmente, que foram escravizadas. Falando mais especificamente sobre o corpo na Capoeira, vale ressaltar a importância de respeitar as diferenças desses corpos. Muniz Sodré (2001, p. 35) afirma que “o corpo é outro tipo de pensamento, a corporalidade tem uma lógica própria de pensar”, pensando então na prática da Capoeira Angola, apenas um corpo pode ter diversas manifestações e expressões dentro de um jogo⁹.

Na Capoeira Angola, cada escola¹⁰ têm suas linhagens/referências que foram construídas e escolhidas a partir dessas diferenças de corpos. Por exemplo: uma iniciante na Capoeira, antes de se tornar aluna da/o capoeirista que orienta o grupo, avalia se vai se sentir

⁸ “A capoeira como prática africana, deve, portanto, ser vivenciada através de uma afroperspectiva¹, ou seja, considerar o protagonismo epistemológico e corpóreo de negros e negras” Gomes (2019, p. 2)

⁹ Jogar Capoeira é uma expressão referente ao momento em que duas pessoas estão se desafiando/lutando/dançando no meio da roda, executando os movimentos específicos da Capoeira, no ritmo dos instrumentos que são tocados.

¹⁰ Escola de Capoeira é o mesmo que chamar de grupo de Capoeira, mas com a ideia de ser um espaço de aprender, ensinar e ressignificar.

confortável naquele espaço, participando dos treinos, rodas, encontros do grupo, ou seja, ficando mais próxima do grupo.

A ginga e a mandinga são movimentos específicos para o momento do jogo de Capoeira. Nesse sentido, as capoeiristas se movimentam conforme as músicas e toques dos instrumentos que compõem a formação da roda.

Um dos fundamentos¹¹ da Capoeira é a sua formação em círculo durante as rodas. Segundo o Dicionário de Símbolos, “a roda participa da perfeição sugerida pelo círculo, mas com uma certa *valência de imperfeição*, porque ela se refere ao mundo do vir a ser, da criação contínua, portanto da contingência e do perecível” (CHEVALIER, 1999. p: 783). Dessa forma, a “valência de imperfeição” também está nos jogos das angoleiras, em seus movimentos corporais que as auxiliam a se diferirem uma das outras, em suas tentativas de encontrar sua própria mandinga, mesmo com alguma mestra ou mestre lhe ensinando os movimentos passo a passo.

Além da Capoeira, outras manifestações, como o samba, jongo, rituais religiosos e alguns cantos são diretamente direcionadas a cultura e valores africanos, sendo, então, o corpo representado como um lugar “sagrado”, associado a matriz da memória ancestral, como lugar de difusão de conhecimento. O corpo, como mediatizador para a criação do mundo, é compreendido por dogon² Ogotemmêli, na seguinte afirmativa: “o corpo humano serviu de planta para a organização e o funcionamento da sociedade humana em todos os níveis” (FORD, 1999, p. 255). É a partir dessa representação de corpo, e retomando-o como produção histórica como compreendido por Sant’Anna (apud SANTOS, 1995), passaremos a nos referir, nesta pesquisa, ao corpo da mulher que que joga Capoeira Angola como um corpo “encapoeirado”.

O conceito de “corpo encapoeirado” é desenvolvido pela pesquisadora Ivanildes Sena (2015) que o relaciona aos estudos de gênero na Capoeira. O “corpo encapoeirado”, trata dos diferentes diálogos de corpos, tendo então seu principal papel questionar a representação padronizada.

O corpo encapoeirado e sua resistência não passam necessariamente pelo processo expositivo e pela amostragem do consumo midiático. O corpo da mulher, do ponto de vista histórico e cultural, sempre ocupou o lugar de negação da força e habilidade, pelo consumo de um belo, que requer constantes sacrifícios e que mais cabe no universo fantástico do inalcançável do que no mundo real. Quando ela

¹¹ O Fundamento da Capoeira é a “base”. Aquilo que se apoia quer um dado domínio do ser, quer uma ordem ou conjunto de conhecimentos (então o fundamento é o conjunto de proposições ou de ideias mais gerais ou mais simples de onde esses conhecimentos se deduzem). É toda a diferença da Capoeira em comparação a outras práticas culturais afrodescendentes. Disponível em:

<<https://portalcapoeira.com/capoeira/mestres/mestre-decanio/fundamentos-da-capoeira-2/>> Acesso em: 18/11/2021.

quebra esse tabu, expõe-se ao risco da punição, se vai para o embate do diálogo de corpo como na capoeira, merece “lição” para reconhecer o seu lugar. Um lugar que um dia inventou-se e como outras invenções tornou-se tradição. (SENA, 2015, p. 17).

O “corpo encapoeirado” da mulher luta constantemente para se expressar fora dos valores ideológicos pré-estabelecidos em suas gingas, nos movimentos de ataque e defesa, no cantar e tocar, ou seja, tudo aquilo que é considerado fundamento na Capoeira que, com o passar do tempo, tornou-se tradição.

O “corpo encapoeirado” pode ter mais de um ponto de vista. O ponto de vista de algumas mulheres que não praticam a Capoeira ou ainda não praticaram, observando apenas os movimentos acrobáticos, a agilidade e os “perigos” no momento do jogo. Pode ocorrer então, o medo da prática da “luta” da Capoeira Angola, causando bloqueios e ideias de que seu corpo não é capaz de fazer essa atividade. Dissemelhante das praticantes angoleiras, as quais suas concepções são relacionadas para crenças e ética de cada Ser/corpo, independentemente de sua estrutura corporal.

Outro ponto que podemos discutir é a esportivização da Capoeira e como ele reage no “corpo encapoeirado” das mulheres. Segundo Alves e Montagner (2008), a “esportivização” da Capoeira veio a partir das competições e regras criadas para a modalidade, tornando-se institucionalizada, regrada, oficializada e legitimada.

Devido a estes fatores, a Capoeira pode ser apresentada de forma subjetiva e substanciada, já que a perspectiva “esportivizante” poderia ter uma perda de tradicionalidade, descaracterizando a cultura. Conforme esse conceito, é observado a criação de padrões para se encaixar nessa competição, onde necessita a perfeição de movimentos para executar um “bom jogo”, ou seja, os valores estéticos contaminados por uma visão ocidental (ALVES; MONTAGNER, 2008).

Ao problematizar gênero e raça, é preciso definir alguns termos como raça, racismo e gênero.

A concepção de raça para Guimarães (2008, p.76-77) é que “cor é uma categoria racial, pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação”. Já para Davis (2016, p. 18-19) “Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida.”

Para Munanga e Gomes (2004), a definição de racismo pode ser compreendida como:

[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por

meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 179).

No que se refere ao conceito de gênero, a cultura ocidental tensiona o ambiente capoeirístico, devido a forma de fundamentação que segue a filosofia e ideologia dos valores culturais da cosmovisão africana. Dessa forma, segundo Sena (2015, p. 39) “o corpo da mulher capoeirista está como produto e processo histórico-cultural, construído simbolicamente e desestruturador sistêmico da negação subjetiva que lhe é imposta socialmente, ante a hipótese de que os corpos, nessa tradição, são representados pelos sexos.” À vista disso, tanto a Capoeira esportivizada, quanto a Capoeira que segue apenas seus valores culturais considerados tradicionais, são dificultadas para as mulheres que estão na descoberta de sua linguagem corporal não padronizada, ou seja, a descoberta de “corpo encapoeirado”.

Outra forma de expressar o “corpo encapoeirado” está no cantar e tocar Capoeira. Existem diversos corridos/músicas de Capoeira Angola que narram sobre a importância da mulher na prática de Capoeira. A “Capoeira é pra homem, menino e mulher”¹². Diante desta frase, destaco Silvana Goellner (2010), que apresenta uma discussão sobre como o corpo muda conforme as experiências vividas ao longo de sua existência. Assim, o gênero constitui uma dimensão das relações humanas construídas socialmente e que perpassa as “mutações” dos corpos.

Cabe destacar que o conceito de gênero se difere da ideia de sexo. O sexo é um termo que se refere aos aspectos biofisiológicos de um corpo (LOURO, 1997). A concepção de Goellner (2010, p. 75) expõe que “gênero é a construção social do sexo”. Relacionando essa ideia de Goellner com as capoeiristas, a construção da Capoeira foi estabelecida com estereótipos para homens, pretos, “valentões” e, até mesmo, sem dinheiro e/ou estudo. Ou seja, muitas mulheres que persistiram e persistem nessa prática são encaradas como “sapatão”, “hominho” etc., sendo então, outra pauta a ser discutida e enfrentada pelas mulheres capoeiristas.

O corpo encapoeirado, tem como ideia produzir a noção de outras feminilidades, ou seja, desconstruir estereótipos tidos como verdades. Um outro exemplo desses estereótipos, são os olhares inferiorizando as mulheres, ditas então como dóceis, meigas, fracas, coitadas etc., que, infelizmente, são motivos de homens enxergarem as mulheres como brincadeira

¹² Termo utilizado no contexto da Capoeira não possuindo fonte oficial, dessa forma, a frase é passada de grupo para grupo ou geração para geração.

e/ou “fazer testes” para ver se a mulher é “boa” o suficiente para enfrentá-lo. Automaticamente, essa atitude pode impulsionar a mulher a desistir da prática, por se sentir incapaz e/ou oprimida por ter a “necessidade” de afirmar a sua capacidade como capoeirista.

A Capoeira é considerada maliciosa devido a esperteza que o corpo da capoeirista precisa para enganar e distrair adversárias. A encenação de se retirar e voltar-se rapidamente, avançar e recuar etc. Mas, conforme sua tradução, a capoeirista precisa, primeiramente, ter cuidado com sua adversária para poderem manifestar juntas o enfoque da cultura capoeirística. Dizia Mestre Pastinha [s.d] da importância do cuidado com os corpos, principalmente o corpo do outro, pois somos um corpo ancestral, político e social.

Herdamos, de nossa matriz cultural africana, a intimidade com movimentos diversos do corpo, tanto na dor como no prazer. E é esse mesmo corpo, em seu movimento e em sua relação com os outros, que é capaz de formar um corpo maior, um movimento cultural, político e social. (MACHADO; ARAÚJO, 2015, p. 100).

O corpo da mulher preta, no universo da Capoeira Angola, hoje vem se apresentando como “mandingas e gingas femininas” (RODRIGUES, 2017, p. 1). No início do movimento feminista, mulheres estudavam sobre o feminismo através de grupos, marchas e protestos públicos. Naquele momento, eram discutidos vários assuntos relacionados ao abuso com as mulheres, direito ao voto, sexismo, preconceito, ações importantes para entenderem seus direitos, desafiar o patriarcado e construir novos modelos de convívio social (LOURO, 1997).

O pensamento feminista foi uma iniciativa para as manifestações, mas nem tudo foi um “mar de rosas” e aceitações. Caviedes (2013, p. 7) cita que “Dentro da antropologia, alguns trabalhos clássicos afirmavam que a perda da autoridade da mulher estava relacionada com a origem do capitalismo, mas outros afirmam que a subordinação da mulher era a base de uma forma de organização universal”. O assunto que foi pauta de algumas manifestações feministas foi as diferenças biológicas dos corpos (homem/pênis e mulher/vagina) e com essas diferenças cada “Ser” deveria desempenhar um papel diferente na sociedade, tornando a mulher subalternizada ao homem, principalmente homem branco (LOURO, 1997).

As adversidades sociais levaram a fortes debates para os estudos feministas, servindo de motivação e exemplo para aquelas estudiosas envolvidas. Louro (1997) explica um pouco sobre esses debates e sexismo imposto na sociedade,

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 1997, p. 21).

Segundo Moore (2000), conforme ocorriam debates e manifestações sobre gêneros e

sexualidades, a sociedade foi quebrando certos tipos de rótulos e entendendo que, contextualizar diversidades está além do “ser” mulher ou homem, homossexual ou heterossexual etc. Assim, entendo também que a cor da pele da mulher (especificamente mulheres pretas) também pode significar diferença cultural, polaridade, sendo mais sexualizada, para fetiches masculinos, pois, a mulher “moreninha” da “bunda grande e lábios carnudos” pode ser reconhecida, muitas vezes, como um objeto de prazer sexual, ignorando suas histórias raciais, lutas, desejos e até mesmo sua cultura. Para as nomenclaturas não chegarem a ser diretamente chamadas de racismo, foram criadas tonalidades como tentativa de representar cada pessoa: morena, parda, amarela, vermelha, preta, marrom, mestiços etc.

Feministas pretas que questionavam a categoria de gênero com base em noções de “raça” e classe social foram isoladas devido seu silenciamento por não pertencerem aos grupos com prestígios e fama (feministas brancas). bell hooks (2015) questiona a afirmação de certas feministas brancas “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação pressupunha que as mulheres compartilhavam os mesmos fatores (classe, raça, religião, orientação sexual etc.), dando ênfase ao sexismo. A autora se contrapõe a esse argumento ao dizer que “ser oprimida” significa *ausência de opções*, denunciando que mulheres brancas nesta sociedade adquiriram “mais opções” que as mulheres pretas devido à sua cor de pele. Dessa forma, muitas mulheres pretas não participaram de debates, pois, para elas, suas lutas eram contra o sexismo juntamente com o racismo, diferentemente da pauta de mulheres brancas.

Segundo Lorde (2013, p. 38) “Como mulheres, fomos ensinadas a ignorar nossas diferenças, ou vê-las como as causas da separação e suspeição, ao invés de forças para mudança. Sem comunidade não há libertação”. Este trecho reflete sobre a necessidade de a mulher entender sua posição, trazendo queixas da posição subalternizada da mulher e suas diferenças. Ao relacionarmos a prática da Capoeira Angola com gênero e “raça”, a mulher preta pode não conseguir fazer sua prática capoeirística por causa de diferenças, como: maternidade, trabalhos injustos de grandes turnos, trazendo a exaustão corporal, violência de gênero (Capoeira apenas para homens), suposto local de fala etc.

bell hooks¹³ (2000), em seu texto, cita Anita Cornwell (1978) que enfatiza o medo da mulher preta em se deparar com o racismo e, devido a esse medo, a mulher se recusa a participar dos movimentos de mulheres. Nessa passagem, muito provocativa e presente no ambiente da Capoeira Angola, o termo “medo” é procedente no que se refere ao racismo, a apropriação cultural¹⁴ e ao sexismo, impedindo que muitas mulheres façam a prática, em

¹³ A autora, em uma crítica a escrita acadêmica, escreve seu nome com iniciais minúsculas.

¹⁴ A apropriação cultural, pode ser feita por grupos religiosos em mudar letras que falam sobre entidades espirituais por cantos que fazem louvor a Jesus Cristo, tornando então mais aceitável. A internacionalização da

razão da figura do homem ser relacionada ao poder na maioria dos grupos, bem como a presença de pessoas brancas na Capoeira.

A mulher preta, na Capoeira Angola, pode ser excluída conforme as questões colocadas acima? Um outro termo que podemos usar é a “abjeção” desses corpos. Patricia Porchat (2015) norteia seu estudo sobre corpo e sociedade no sentido de corpo para Butler, trazendo o termo “abjeto” em ênfase. Kristeva (1982) denomina abjeto como algo que é descartado e expelido (fezes, lágrimas, vômitos etc.).

Butler (apud PORCHAT, 2015) apresenta a abjeção como um ato de violência. Sendo assim, o pensamento “tradicional” dos corpos, o corpo ideal, a diferença sexual que bota a exclusão dos corpos, inferiorizando todos os corpos fora do padrão como algo que não deveria estar no meio da sociedade (corpos pretos, deficientes, transsexuais, travestis etc.). O corpo da mulher preta passa constantemente por essa abjeção desde antigamente, sendo então, o corpo não ideal para pertencer àquele espaço, ou seja, todo o espaço cujo de grande poder. No meio capoeirístico isso não é diferente, pois devido os pensamentos ocidentais, lugar da mulher preta é no trabalho, limpando, criando e cuidando de filhas/filhos.

Como visto nesta seção, problematizo alguns possíveis motivos que levariam mulheres pretas e não pretas a terem dificuldades na busca de encontrar seu “Corpo Encapoeirado”. Tais questões apontam para a necessidade de estudar as relações de gênero em intersecção com a “raça”, bem como esses marcadores sociais de diferenças são acionadas na presença da mulher na prática da Capoeira Angola.

capoeira por outros grupos sociais de praticantes não negros contribui para que haja uma dissociação de sua história de resistência para com o povo africano. As sistemáticas apropriações demonstram que os valores fundantes foram abandonados ou nem chegaram para alguns praticantes da capoeira angola. A exemplo disso, temos grupos de capoeira com a presença senão total, quase total de pessoas brancas e isso não causa espanto no universo da capoeira. (GOMES, 2019).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Abordagem

A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa. Segundo André (2013) a abordagem de pesquisa qualitativa é fundamentada no conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos conforme seus meios cotidianos, enquanto atuam na realidade, transformando e sendo transformado.

Para Minayo (2017) em uma pesquisa qualitativa existem aspectos que podem ser repetidos, com enfoque no/a sociocultural, crença, valores, opiniões, símbolos, costumes, práticas etc., ou seja, uma quantidade.

4.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi feita na forma de estudo de caso com inspirações etnográficas, pelo fato de a Capoeira seguir uma linhagem pedagógica, na qual, teoricamente, a mestra ensina e aluna aprende. Para André (2013, p. 97) “os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruir os processos e relações que configuram a experiência escolar diária”.

Segundo Weber (2010, p. 5) “A atividade etnográfica também inclui a atividade linguística: além de ver e compreender, é preciso mostrar, dar a ver através da escrita”.

4.3 Instituições e participantes

A pesquisa foi desenvolvida com integrantes de um grupo de Capoeira Angola localizada na cidade de Uberlândia-MG. O grupo teve início no ano de 2015 com seu atual nome Galo Cantô, realizando seus treinos na Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia (ADEVIUDI) por onde permaneceu por 7 anos, ou seja, antes da mudança de nome, alguns membros treinavam em outro grupo de Capoeira Angola.

Treinavam também em casas de membros, praças e por fim em um espaço alugado no bairro Santa Mônica, em Uberlândia-MG. No início do momento de pandemia, o grupo passou por dificuldades financeiras que o retiraram do aluguel e passou a treinar apenas via videochamadas, pela internet. Cada capoeirista, em seu local de residência em vista à pandemia de Covid-19. Neste ano 2022, o grupo de Capoeira retornou a treinar no espaço da ADEVIUDI, e seus dias de treinos são de segundas às quintas feiras, nos horários das 19:00 às 20:30 horas.

Dentro desse grupo de Capoeira Angola, encontra-se outro Coletivo apenas de mulheres. É com esse grupo que desenvolvemos a pesquisa. O coletivo, dentro do grupo de

Capoeira mais amplo, foi criado em meio da pandemia Covid-19, realizando suas reuniões via videochamadas, quinzenalmente, às sextas feiras, no horário das 19h00 às 20h30min. Suas reuniões são para estudos das histórias que envolvem a temática Capoeira e para trocas de cantos que circundam as mulheres na Capoeira, sejam cantos favoráveis ou ofensivos. Os cantos são divididos em Ladainhas, Chula e Canto Corrido, onde, Ladainha é considerada uma “oração” cantada/rezada para iniciar a roda da Capoeira. Chula, é a louvação aos ancestrais e as forças da natureza, exemplo: “Iê, viva meu Deus”. E por fim, o Canto corrido que são as músicas cantadas no decorrer da roda, exemplo: “Paranaú Paraná”.

O Coletivo tem em torno de 8 mulheres, de diversos níveis sociais e faixa etária. O mesmo é aberto para todas as faixas etárias, porém, atualmente, participam mulheres entre 20 a 45 anos com habilidades e pertencimentos étnicos diferentes. As capoeiristas, em grande parte, são estudantes de alguma instituição de ensino superior ou trabalhadoras nas diversas áreas existentes (saúde, humanas, exatas, agrícola etc.).

A pesquisa foi orientada nos princípios éticos da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, no que diz “o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos” (BRASIL, 2002, p. 1). E, nos princípios éticos da resolução 510/2016, diz que “a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes” (BRASIL, 2019, p. 1).

Antes de darmos início a metodologia proposta, a pesquisa passou por avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), onde seu principal objetivo é acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas que envolvem seres humanos, visando a salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa. Após o preenchimento pelo *site* da Plataforma Brasil, foi proposto um número de identificação, sendo seu número do CAAE: 58229521.7.0000.5152. E, assim, esta pesquisa foi aprovada.

As capoeiristas foram convidadas a participarem da investigação, a partir de um contato inicial com o Contra Mestre (orientador do grupo), seguido do convite para as mulheres participantes do Coletivo, sendo previamente esclarecidas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. O TCLE contém as devidas informações a respeito da pesquisa: objetivo, benefícios, riscos e procedimentos que serão realizados pelo estudo. Em meios de pandemia, o convite foi feito de forma virtual, iniciando o contato com o Contra Mestre via E-mail/Rede Social e em seguida com alguma participante do Coletivo de Mulheres.

Para participarem, como termos de inclusão, foram necessários: 1) Ser integrante do coletivo de Capoeira Angola que será pesquisado; 2) Aceitar, voluntariamente, participar da investigação; 3) Ler, consentir e assinar o TCLE e devolver uma via para a pesquisadora.

Já o critério de exclusão será: 1) Não ter como participar das entrevistas e diálogos de forma remota; 2) Desistir de participar da investigação em qualquer momento sem ônus.

Ainda relacionado aos critérios éticos, a pesquisa assegurou a garantia de anonimato da participante, elaborando nomes fictícios na escrita de relatórios para não a expor. Possíveis riscos como: possível identificação da participante e desconforto em responder algum tipo de questionamento realizado serão sanados com a elaboração de nomes fictícios e possibilidade de não responder qualquer questionamento o qual se sentirem constrangidas, podendo desistir a qualquer momento da participação.

4.4 Instrumentos para a geração de dados

A forma de geração de dados foi realizada a partir de questionários fechados, entrevistas estruturadas, observação participante, caderno de campo. Tudo foi realizado de forma remota, devido à pandemia de COVID-19.

Segundo Severino (2007), o questionário é um conjunto de questões articuladas que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados com intenção de conhecer a opinião dos mesmos assuntos em estudo. No caso da atual pesquisa, o questionário visa gerar dados pessoais da participante, sendo eles: idade, renda, escolaridade, tempo de prática, orientação sexual etc.

Segundo Freitas (2006), a entrevista é um instrumento facilitador de conhecimentos interpessoais, ocorrendo séries de fenômenos, elementos de identificação e de construção potencial do todo (entrevistada e entrevistadora). Existem alguns tipos de entrevistas, sendo que para este projeto será usada a entrevista estruturada. Para Manzini (2004), a entrevista estruturada contém questionamentos básicos com teorias e hipóteses. Os questionamentos dariam ideias a novas hipóteses surgidas a partir das respostas das pesquisadas.

A entrevista aborda em três etapas: **1)** Quando iniciou a prática da Capoeira e os motivos que levaram as mulheres à modalidade. **2)** Perguntas direcionadas a percepção sobre a presença da mulher na Capoeira Angola; **3)** Como é “ser” mulher preta na prática da Capoeira Angola.

Diante os imprevistos em relação a pandemia, iniciei a coleta de dados de forma remota, e como já foi citado neste texto, as capoeiristas foram convidadas via telefone de contato ou alguma rede social/e-mail apresentando o TCLE e, em caso de dúvidas, a pesquisadora deverá esclarecê-las a partir da disponibilização de seu contato pessoal. Para

aquelas que aceitaram participar da pesquisa, foram encaminhados os questionários e, posteriormente, agendada as entrevistas por videochamada.

4.5 Forma de análise dos dados

A análise de conteúdo inspira a análise dos dados da presente pesquisa. Segundo Júnior et al. (2010, p. 34), a análise de conteúdo “consiste num recurso técnico para análise de dados provenientes de mensagens escritas ou transcritas”. A análise de conteúdo é dividida em três etapas:

- 1) Pré-análise, que retoma o objeto e objetivos da pesquisa, além de ser a parte responsável pela escolha inicial dos documentos e construção inicial de indicadores para a análise.
- 2) Exploração do material – parte responsável pela referenciação dos índices e a elaboração de indicadores e também necessária para a preparação e exploração do material.
- 3) Tratamento dos dados e interpretação – etapa responsável pela interpretação dos dados brutos (falantes) e responsável pelo estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises (JÚNIOR et al., 2010, p. 35).

Diante dessas informações, nota-se que essa forma de análise se relaciona de forma adequada para nossa proposta metodológica com base no problema de pesquisa formulado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Perfil das mulheres participantes

Esta pesquisa descreve os principais motivos que levam as angoleiras adultas a praticarem a Capoeira Angola e como o marcador social de raça perpassa as relações entre elas e suas práticas no grupo de Capoeira Angola. Pretendemos também identificar como as angoleiras percebem as relações entre gênero e raça na prática de Capoeira Angola. Essas mulheres organizaram o coletivo *Mulheres do Galo Cantô*, que é um grupo de acolhimento entre elas, que promove estudos sobre a cultura popular e organiza intervenções feministas e práticas corporais (Capoeira Angola). O coletivo atua há 3 anos.

Sendo assim, o primeiro contato com cada mulher foi posteriormente realizado após o contato com o mestre do grupo de Capoeira Angola como participante da investigação. Em seguida, expliquei para as mulheres sobre a temática da pesquisa, os possíveis riscos, até chegarmos a disponibilização do formulário a ser preenchido como consentimento para suas participações, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O grupo constatado apresentava 10 mulheres participantes. Porém, oito (8) mulheres aceitaram participar, duas (2) não estavam praticando efetivamente a Capoeira e não quiseram se envolver.

Ainda sobre o primeiro contato com as angoleiras, foi perceptível certa insegurança para participar da pesquisa. Algumas delas, mesmo com anos de prática, se diziam se sentir “incapazes” de participar da pesquisa por considerar que não sabia falar sobre Capoeira Angola, antes mesmo de receber o questionário. Essas mesmas mulheres foram as que mais agradeceram ao final, por sentirem que a pesquisa as acolheu e deu mais potência para dar continuidade na prática, com um sentimento de “saber e querer buscar mais saberes”.

Por questões éticas da pesquisa, todas as mulheres escolheram nomes fictícios para a participação, como forma de evitar a exposição de informações pessoais.

Quadro 1: Os corpos que gingam

Nome Fictício	Escolaridade	Tempo de prática de Capoeira Angola	Autodeclaração de Cor	Orientação Sexual	Identificação de gênero
Pandeiro	Mestrado	4 a 6 anos	Parda	Bissexual	Cisgênero
Agogô	Ensino Superior Completo	4 a 6 anos	Preta	Bissexual	Cisgênero
Berimbau Médio	Ensino Superior Completo	1 a 3 anos	Preta	Bissexual	Cisgênero

Reco-reco	Ensino Superior Completo	1 a 3 anos	Branca	Heterossexual	Cisgênero
Berimbau Viola	Ensino Superior Incompleto	4 a 5 anos	Branca	Panssexual	Cisgênero
Berimbau Gunga	Ensino Superior Completo	1 a 3 anos	Preta	Heterossexual	Cisgênero
Atabaque	Pós graduanda	4 a 6 anos	Todas as características	Nenhuma das orientações	Cisgênero

Fonte: própria da autora

No sentido de aprofundar as análises dos dados gerados pelo questionário (Quadro 1), apresento algumas características das nossas colaboradoras.

Sobre a autodeclaração de cor, três (3) se autodeclararam pretas, 1 parda, 2 brancas, 1 utilizou o termo brasileira (talvez pelo fato de criticar a classificação de pessoas em “raças”?) e 1 se autodeclarou, assinalando todas as opções de resposta do questionário. Assim, temos a maioria das participantes como mulheres não brancas.

Sobre o tempo de vivência na Capoeira Angola, algumas mulheres apresentam uma experiência que varia de 4 a 6 anos de prática. Outras, de 1 a 3 anos de prática. Apenas 1 apontou estar no universo da Capoeira Angola, entre, aproximadamente, 7 a 9 anos.

Todas as mulheres apresentam escolaridade de nível superior. Algumas na graduação em andamento e outras, com a pós-graduação ou mestrado finalizado.

A prática da Capoeira Angola dentro das universidades ainda é bastante marginalizada, pois, é um ambiente que gera bastante exclusão cultural devido a maior parte das pessoas serem elitizadas. Todavia, para além das marcações de exclusão, é importante destacar que todas as angoleiras ingressaram no ensino superior, embora algumas delas não o completaram. Tais dados podem sugerir que os espaços universitários, mesmo historicamente negados a elas, contribuíram para certo fortalecimento dessas mulheres.

Para se aproximar do universo que foi investigado, empreendermos de uma maneira mais humanizada e menos numérica para nos referirmos às nossas colaboradoras, desenhando-as em nossas imaginações, atribuindo-lhes nomes fictícios. A estratégia, além de humanização do campo empírico, vai ao encontro das resoluções do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, sendo uma estratégia para garantir o anonimato das respondentes. Seguimos então com a definição de algumas das características de nossas angoleiras.

Pandeiro é uma mulher que se considera mais velha, mas a cada experiência da vida, vai ficando mais jovem, expondo mais energia, força de vontade e tranquilidade em seu

corpo.

Agogô é uma mulher preta, encantadora, se ela fosse um objeto, seria um perfume doce, pois, onde ela passa, ela deixa seu cheiro e todas/os a reconhecem.

Berimbau Médio trouxe um pouco da Bahia consigo, sempre valorizando e enaltecendo a cultura popular brasileira.

Reco-reco é uma mulher observadora, que ao conversar com você olha no fundo de seus olhos, dando toda a sua atenção, além de fazer belíssimos crochês.

Berimbau Viola é mais ousada, apaixonada por danças, cortes de cabelos e militância contra corpos estereotipados.

Berimbau Gunga é uma “sambadeira” de primeira, vaidosa e, muitas das vezes, com um sorriso contagioso no rosto.

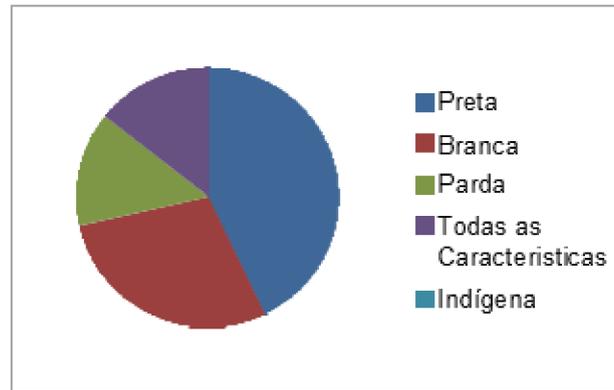
Atabaque é viajante, sempre à procura de novas descobertas. Disposta para conhecer as diversas culturas existentes.

Esse exercício se faz necessário e coerente como perspectiva teórico metodológica por nós assumida nas pesquisas de Ciências Humanas. Considero indispensável apresentar, para além de categorias ou de autodeclarações, essas mulheres que nos fazem (re)pensar nossas posições e práticas sociais. Assim, se faz importante, inclusive eticamente, compreendê-las como vidas conscientes que apresentam outras características.

A pesquisa abre espaço para futuras investigações sobre a discussão sobre orientação sexual, mesmo não sendo o foco do estudo. A questão da não heterossexualidade também é um marcador que pode atuar na produção de outros preconceitos. Observo que todas as participantes se identificam como mulheres Cisgênero¹⁵. Três (3) dessas mulheres se declararam bissexuais, 3 heterossexuais, 1 panssexual¹⁶ e 1 respondeu que não se encaixava em nenhuma das expressões de sexualidade até hoje conhecidas.

¹⁵ Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica em todos os aspectos, com seu gênero de nascença. Exemplo: mulher cisgênero é uma mulher que nasceu com o órgão sexual feminino e se identifica com o gênero feminino.

¹⁶ Termo utilizado para se referir quando um sujeito apresenta atração sexual, romântica ou emocional em relação às pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero.

Gráfico 1: Angoleiras pretas e não pretas

Fonte: própria da autora

Neste gráfico, é destacado a autodeclaração de cor das angoleiras que aceitaram participar da pesquisa. Podemos observar que a porcentagem de mulheres que se autodeclararam pretas (37,5% em azul escuro) é maior do que as outras porcentagens, assim como, a maior parte das mulheres não se identificam como brancas, somando todas as não brancas autodeclaradas nesta pesquisa.

Problematizar as relações étnico-raciais se faz necessário para compreender as relações entre mulheres pretas e a prática da Capoeira Angola. A miscigenação e o apontamento crítico como “mulher não branca” foram identificadas na investigação. Inclusive com a declaração de participantes que seriam “Brasileira” ou que assinalou “Nenhuma ou Todas as categorias” existentes no questionário. Embora nossa amostra seja reduzida, nossos dados vão ao encontro do censo de Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População (PCERP/IBGE, 2008) que afirma que, somando, a maior parte da população brasileira se reconhece como não branca.

5.2 Principais motivos que as levam a praticar a Capoeira Angola

Ao indagarmos as angoleiras sobre motivos que levam as mulheres colaboradoras a praticarem e permanecerem na Capoeira Angola via desdobramento da questão: “*O que te leva a permanecer na prática da Capoeira?*”, foram expressos diversos sentimentos em suas respostas sobre a escolha da Capoeira como prática de vida.

Muitas delas relacionam a Capoeira para além de uma “prática”, mas como um espaço formativo de produção de identificações e subjetividades. Para Silva (2000), a identidade é uma produção cultural que depende da linguagem e significados atribuídos por determinado grupo.

Berimbau Gunga expõe que:

Os motivos são justamente as possibilidades de vivenciar a Capoeira de outras formas, às vezes meu corpo não consegue se movimentar naquele momento, mas

tem a bateria, o canto, as leituras, o bate papo, o escutar, os encontros virtuais e é por isso que permaneço praticando.

Neste sentido, fazendo um comparativo com os valores civilizatórios da cultura africana e afro-brasileira (energia vital, ludicidade, ancestralidades, corporeidade, musicalidade, comunitarismo, religiosidade, oralidade e circularidade), valores estes que se articulam com o além do corpo físico/visível, assim como Berimbau Gunga expõe sobre os motivos que levam seu corpo a permanecer dentro daquele espaço.

Berimbau Médio, aponta que: *“A Capoeira é uma manifestação tradicional e muito importante para a história dos povos oprimidos no Brasil, então estar na Capoeira me faz muito bem e por isso eu escolhi e continuo”*. Berimbau Médio observou que na Capoeira existem ressignificações éticas, morais, sociais e políticas sobre os corpos devido a resistência histórica de nossos ancestrais capoeirístico. Para ela, a Capoeira Angola não está relacionada, unicamente, a um procedimento técnico, mas um espaço de identificação em trânsito, uma identidade de resistência, a identidade de se reconhecer e se sentir bem em ser capoeirista devido a história do povo preto.

Mestra Nildes (2017), afirma que a prática da Capoeira Angola é um ato de ressignificar o presente pelos valores da ancestralidade, sendo assim, as memórias acumuladas de um corpo preto na história do Brasil como meio educativo na prática da Capoeira. Nesse sentido, a narrativa de Berimbau Médio reforça a potência da prática da Capoeira Angola para parte do resgate de histórias dos povos pretos.

Berimbau Viola, cita que: *“(...) eu me senti à vontade no grupo e isso para mim é algo que faz muita diferença. Até que no ano passado foi feito o grupo de mulheres, conversamos, estudamos. Além disso, eu me sinto convocada pela Capoeira Angola”*. Berimbau Viola enfatiza a importância do acolhimento das/os praticantes da cultura para sua permanência na Capoeira Angola, vindo do grupo que faz parte e da representação das mulheres nesse grupo, ou seja, a identificação social para um melhor convívio como o próximo e consigo mesma, possibilitando se “abrir” para toda a circularidade que rodeia a Capoeira.

Como maneira de exemplificar a importância dos acolhimentos coletivos, o Coletivo Feminino Aldeia Itapuã cita em uma entrevista que “Nós estamos trabalhando uma construção coletiva de saberes. A ideia é que as próprias meninas troquem conhecimento umas com as outras, assim vamos fortalecendo nossa rede” (VIVO, 2019, p. 1). Esta frase, pode ser relacionada com a capacidade da força do coletivo das mulheres desta pesquisa, ou seja, a potência que as mulheres adquirem nos coletivos que a pertencem.

Atabaque, expõe que:

Tem um amor envolvido, mas eu também acho que parte pra mim um entendimento

de uma ligação ancestral mesmo, que nem eu falei, ao escutar o som do berimbau me deu um despertar um negócio que isso me chamava, e eu acho que a Capoeira é muita resistência mesmo, tanto essa questão assim dos movimentos, das trocas de perspectivas, de ficar muito de cabeça pra baixo, a gente tende a olhar muito de cabeça pra baixo, isso faz com que a gente também a olhar as nossas experiências no mundo de uma outra forma, eu acho que a capoeira ela prepara a gente para um corpo para um enfrentamento mesmo da vida.

Atabaque destaca sua corporalidade dentro da Capoeira em comparação com seu dia a dia, ou seja, a Capoeira como o jeito de ser, um aprendizado que foi obtido no decorrer do tempo de capoeiragem. Joana Tavares (2019) afirma que a capoeira é como uma filosofia de vida com diversos predicados, sendo elas a arte, poesia, luta, folclore, expressão corporal, harmonia, equilíbrio, espiritualidade, emoção, jogo de cintura, liberdade etc. Sobretudo, a corporalidade que permite ampliar a compreensão de corpo como matéria e o conceber como dimensão que mediatiza as experiências com o mundo e implica na produção da criticidade frente a constituição de si e de determinado grupo.

Pandeiro se afastou da prática por alguns anos, neste tempo, sentiu a “perda” do contato com si mesma devido a cultura da Capoeira ser coerente ao seu corpo desde a infância. Dessa forma, Pandeiro cita que: *“Retomar o contato comigo mesma e a Capoeira, eu aceitei o convite, né? Por que não retomar?”*. Para Suellen Costa (et al, 2018) a Capoeira na infância tem algumas finalidades, assim como, a contribuição para o desenvolvimento de dimensão afetiva, social, motora, psíquica e cognitiva, ou seja, ao experimentar a Capoeira na infância, é potencializar o conhecimento corporal, repertório de movimentos, bem-estar, promover inclusão e o conhecimento das manifestações culturais brasileiras. Quando Pandeiro fala sobre esse convite de retomar, talvez relacione a prática da Capoeira Angola a essa descoberta do corpo, ou seja, “desajustamento” do corpo.

Agogô afirma que:

É uma prática esportiva, social. É onde eu aprendo coisas, um espaço de explorações de uma forma geral. A musicalidade por exemplo, não é só tocar, é um sentir, uma percepção que vai se trabalhando, a Capoeira então é isso, trabalhar o sentido enquanto seres humanos, é o sentimento que me faz permanecer.

Silva (2015) entende que a musicalidade da Capoeira Angola se tornou um fio condutor educativo, ou seja, ao cantar e tocar, é passado como um enredo argumentativo de temáticas que são camufladas ou não discutidas nas cadeiras escolas e acadêmicas. A Capoeira Angola resiste todos os dias contra esse apagamento de suas histórias, ressignificando os seres humanos em seus sentidos e práticas para uma luta fora da Capoeira, e são essas representações que fazem mulheres praticarem e permanecerem na prática.

Reco-reco cita que: *“Eu gosto da Capoeira, desde que comecei, eu me encantei por ser uma prática corporal, tem o lado esportivo, e ao mesmo tempo tem o que envolve a nossa*

cultura, o lado musical, teatral". Mestra Nildes Sena (2015) afirma que a Capoeira é considerada um espaço de constelação de representações e práticas sociais. Ou seja, a intersecção de culturas vindas do povo preto e indígena, também considerado como arte, trazendo então o encantamento e permanência de Reco-reco.

Apesar do processo de construção de suas subjetividades a partir de suas histórias, muitas praticantes têm em comum a conquista e permanência no espaço da Capoeira Angola, pois, assim como em qualquer lugar, o machismo estrutural opera para que as práticas corporais, principalmente esportivas, sejam destinadas aos homens. Antigamente, a mulher que se entregava para a Capoeira nas ruas era discriminada e "malvista". "Enquanto os homens capoeiras eram intitulados como, destemidos, fortes, dotados de agilidade, a mulher é vista como "valentona e briguenta", adjetivos pejorativos de cunho inferior relacionado a questões emocionais" (VITÓRIA, 2015, p. 113).

Postas as análises sobre motivos que levaram/levam a praticarem/permanecerem na Capoeira Angola, apresentaremos as análises relacionadas às relações que percebem entre "ser" mulher e "não branca" na prática.

5.3 Relações percebidas nas entrevistas sobre Capoeira Angola, Gênero e "Raça"

A partir das análises das entrevistas, extraí e agrupei alguns aspectos que se apresentaram sobre as relações perguntadas, para que pudessem ser discutidas no decorrer deste trabalho. Sobretudo, compreender alguns dos motivos que levam as mulheres pretas e não pretas a praticarem a Capoeira Angola e como o marcador social de "raça" perpassa as relações entre o coletivo das mulheres capoeiristas.

Dessa forma, exponho as respostas de sete colaboradoras que responderam à seguinte pergunta: "*O que é ser mulher preta/branca/parda na Capoeira?*". Como foi explicitado na subseção 4.3, os nomes das participantes são fictícios para garantir o anonimato, sendo então, em homenagem a elas e suas práticas, atribuídos nomes relacionados a musicalidade de alguns dos instrumentos musicais que compõem a bateria da Capoeira Angola (Berimbau Gunga, Berimbau Médio, Berimbau Viola, Atabaque, Pandeiro, Agogô e Reco-Reco).

A ideia de musicalidade, como um dos valores civilizatórios da cultura africana e afro-brasileira, prevê "processualidades", ritmo e motivação. Tais características foram, reiteradamente, observadas nas participantes durante suas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

No que se refere a apresentação dos dados gerados a partir das entrevistas, optamos por apresentar algumas das questões formuladas e os trechos das respostas que permitem

problematizar os objetivos específicos. Quando indagadas sobre “*O que é ser mulher preta/branca/parda na Capoeira? (responda conforme sua autodeclaração)*”

Berimbau Médio se autodeclara mulher preta. Ela cita que:

Eu acho que é um lugar legítimo da gente estar. Ser mulher negra na Capoeira é mais do que um direito, é um fortalecimento que precisamos ocupar. Porque se tem um grupo marginalizado na Capoeira, o nosso grupo de mulheres pretas é o mais marginalizado e a Capoeira é uma luta dos oprimidos né? (Berimbau Médio)

A fala de Berimbau Médio vai ao encontro das proposições de Audre Lorde ([s.d]), pois afirma a legitimidade da prática capoeira como local de ocupação de mulheres pretas para que seja possibilitado seu fortalecimento. Como destacado por Lord, isso reforça a necessidade e desejo de nutrir umas às outras e nesse amparo são redescobertos poderes. Ou seja, a Capoeira precisa ser um espaço de nutrição de senso de coletividade, de troca de experiências, reconhecimento de direitos e fortalecimento subjetivo de mulheres pretas.

Berimbau Viola se autodeclara mulher branca, expondo que:

Eu tenho uma postura que é como eu tenho agora de estar chegando ainda no ramo da Capoeira Angola, mas percebo uma tradição, filosofia de vida e tô chegando também para aprender e estar em relação com o grupo e com as pessoas, mas imagino que não é uma questão tranquila em vários espaços, até porque tem muita gente que tem uma postura para se apropriar da tradição.

Berimbau Viola, como mulher branca, entende que a Capoeira Angola segue e faz parte de tradições e filosofia de vida que foi construída pelo povo preto, sendo assim, uma ética cultural cosmoafricana específica. Ivanildes Sena (2015) fala que a ética cultural cosmoafricana, são os respeitos com o corpo da/o próxima/o, tocar os instrumentos da Capoeira, cantar, jogar Capoeira etc., e tem por consequência a ânsia de liberdade, sendo ela política, religiosa, artística e demais aspectos que possa constituir enquanto comunidade capoeirística.

Atabaque faz uma crítica às categorias colocadas, se autodeclarando “Todas as Categorias”:

Dentro dessas categorias, talvez o que eu mais me identifico seria indígena, mas tem toda essa questão cultural, porque eu sou de descendência indígena, **porém justamente por essa colonização não nos foram permitidos saber as minhas origens**, não foi permitido conhecer as minhas histórias, falar uma língua, porque é muito triste essa questão da colonização. Então a gente precisa criar essas caixinhas para tentar entender, a gente só consegue entender quando a gente coloca uma categoria, criar perfis etc.

Diante suas críticas, sendo elas, a constante dúvida sobre a “raça” e o apagamento de sua história e de seu povo indígena, Atabaque afirma que esse silenciamento está diretamente relacionado com a colonização. Valtenir Abreu (2022) afirma que a estratégia do colonizador era tomar posse daquilo que não lhe pertencia, submetendo os grupos locais à servidão, neste

caso povos indígenas. Os que tentavam resistir eram castigados das formas mais cruéis, como escravização e extermínio que, com o passar dos tempos, contribuíram para tentativas de omissão da história do povo brasileiro, assim como Atabaque coloca em sua fala.

Pandeiro, se autodeclara como mulher parda: *“Eu não sei se já parei pra pensar sobre isso, porque, eu não tive tanto contato com outros grupos, outras pessoas além dos grupos que me inseri, outros contextos. Eu nunca percebi nem para o bom ou mau ou ruim, nada que me diferenciasse”*. Pandeiro expressa em sua fala o processo de continuidade para futuras aprendizagens. A partir da importância do diálogo com outros grupos, ela enxerga essa relação como uma construção de identidade, ou seja, o impacto que a comunidade tem para se reconhecer e se diferenciar como mulher parda dentro da Capoeira Angola. Nesse sentido, a importância da coletividade para a construção positiva de uma posição de identidade é tomada como um importante critério para o autopertencimento de sua cor.

Agogô se autodeclara mulher preta:

E a Capoeira, é um movimento de me localizar socialmente, então eu trouxe pra mim essa educação, de compreender esse lugar. Vai trazendo pra mim uma consciência de ação e isso tem a ver com meu desenvolvimento na Capoeira, na minha construção de identidade. Eu encontrei na Capoeira força para enfrentar os desafios numa sociedade totalmente racista e machista e ali a gente consegue encontrar outras mulheres nessa resistência e que se unem.

Agogô observa a Capoeira Angola como um espaço que reconhece suas potencialidades na sociedade opressora. Deleuze (1968) expõe que o corpo tem o poder de afetar e ser afetado por outros corpos, uma potência de agir e uma potência de sofrer. Ou seja, apesar da Capoeira Angola sofrer um processo de embranquecimento, os seus fundamentos (cosmoafricana) persistem na cultura, potencializando e sendo potencializada por mulheres praticantes de Capoeira todos os dias.

Reco-reco se autodeclara como mulher branca:

Já rolou em um espaço que eu estava, que quem está de fora, pessoas que não conhecem geralmente olha e fala ‘ah aquela menina branca, tá na Capoeira’ como se não tivesse nada a vê, como que quem praticasse a Capoeira são apenas pessoas negras. Talvez em um espaço público, e tivesse uma capoeirista branca e outra negra juntas, alguém talvez pediria alguma informação do grupo, iria chegar mais diretamente na pessoa negra do que na pessoa branca, se for pensar em cor.

Reco-reco, traz em sua fala exemplos de estereótipos que são colocados a priori. Ao falar de embranquecimento, estou falando sobre “atitudes brancas”, essas atitudes brancas são ações que tentam definir/encaixotar corpos “desajustados”. Para Steferson Roseiro (et al., 2020) “desajustados” são corpos que resistem à tentativa da higienização, ou seja, a tentativa de higienizar nossas histórias, nossa cultura, nossa ancestralidade, nossa forma de ver, viver, sentir etc. Esses diferentes corpos desajustados, para além de um tom de pele que praticam a Capoeira Angola, nesta pesquisa, estamos chamando de Corpo Encapoeirado.

Transcrevendo suas concepções sobre o que é ser mulher preta/parda/branca na Capoeira, é possível enxergar diferentes formas que a Capoeira as toca. Algumas com dúvidas da sua cor de pele, outras encontraram sua certeza na Capoeira de forma que a potencializou para suas vidas diárias, mas conscientes que há diferenças entre elas e outros corpos devido à sua cor de pele, suas vivências, e da importância de se reconhecerem como privilegiadas ou não.

A partir das pontuações realizados, por meio das narrativas de nossas colaboradoras, sobre a auto representação de “raça”, em conformidade com nosso segundo objetivo específico, indagamos: como as mulheres praticantes de Capoeira, participantes de nossa investigação, percebem as relações entre “gênero” e “raça” em suas vivências.

Berimbau Gunga, que se autodeclara mulher preta, expõe que:

[...] ser mulher preta é muito mais complicado, por ela estar na base da sociedade, então ‘se uma mulher preta se moveu, toda sociedade se move’, eu vejo muito nesse sentido também, mas sempre foi mais difícil com o corpo preto, e o corpo da mulher preta na Capoeira é igual na sociedade. Estou vendo um movimento de uma Capoeira Angola mais embranquecida, eu queria ver uma Capoeira Angola mais preta (Berimbau Gunga).

Berimbau Gunga quando narra que “se uma mulher preta se moveu, toda sociedade se move” parafraseia Angela Davis, quando a pesquisadora afirma “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (ALVES, 2017). Dessa forma, destacamos dois pontos para as análises, sendo o primeiro ponto a meritocracia, ou seja, a mulher negra na base da pirâmide social tem menos privilégios e oportunidades comparadas aos outros corpos (hooks, 2015). Segundo o aumento do protagonismo da mulher preta que reconhece essa força de “movimentar” a estrutura da sociedade. Nesse sentido, Fabiana Reinholz (2019) destaca que a ocupação dos espaços públicos pelas mulheres pretas contribui para desconstruir a representação de subjugação a que foi submetida.

Destacamos que, como sinalizado por hooks (2015), a categoria gênero de forma isolada restringe nossas possibilidades de compreender processos de desigualdades e hierarquizações sociais que atingem as mulheres. Nesse sentido, quando operamos com a categoria e “raça” em intersecção com a de “gênero”, percebemos que nem todas as mulheres são posicionadas no social de maneira equivalente. Mulheres pretas acabam consideradas como inferiores a mulheres brancas. Se entrecruzarmos essas duas categorias com a de classe social, mulheres pretas e pobres ocupam ainda um estrato mais inferiorizado nas relações sociais.

Como exemplo da análise realizada no parágrafo anterior, recorreremos aos dados sobre o nível de escolaridade de mulheres na população brasileira. De acordo com o IBGE (2019), o

número de mulheres negras (67,6%) é inferior ao número de mulheres brancas (81,6%) na Taxa de Conclusão do Ensino Médio. Fazendo um comparativo com homens, é perceptível que homens negros (56,2%) também tem um valor reduzido em relação aos homens brancos (72%). Sobretudo, mesmo a população brasileira sendo constituída em sua maioria por mulheres, em específico mulheres negras, elas permanecem em um número inferior ao nível de escolaridade.

A fala de Atabaque também é significativa para problematizarmos as relações entre “gênero” e “raça”. A capoeirista relata que *“Como pessoa não branca, mas também não preta dentro da Capoeira, eu acho que consigo ser bem aceita na Capoeira, não me lembro de ter vivido uma situação racial. Enquanto mulher eu já senti muitas diferenças”*. Atabaque percebe seu privilégio em comparativo às mulheres pretas retintas, ou seja, um menor grau de opressão por ser mulher de um “tom de pele mais claro”. E a partir disso, “não se lembra” de ter se incomodado, em suas vivências, com o atravessamento da pretitude e sim com o atravessamento de ser mulher.

Cabe ressaltar que Atabaque se reconhece como indígena, ou seja, mesmo ao se autodeclarar “não branca”, marcador social quase submete corpos a processos de hierarquização, sinaliza como a “pretitude” é alvo social de estigmas que podem contribuir para vulnerabilizar determinados corpos. Sua fala demonstra que “enquanto mulher” ele, de certa forma, percebe opressões, todavia como “não preta” no universo da Capoeira ora analisado, ela consegue “ser bem aceita”.

Interessante notar que as relações entre “gênero” e “raça” no campo ora estudado apontam para a necessidade de tomarmos a branquitude como uma das dimensões das relações étnico-raciais e que precisa ser problematizada.

Não considerando a branquitude como natural, e compreendendo seus privilégios em diferentes espaços sociais como, por exemplo, o acadêmico (hooks, 2015), em determinados contextos, como o capoeirístico que compôs nosso espaço analítico, a branquitude, de certa forma, parecer “perder, momentaneamente, seu privilégio”. Ao retomarmos um trecho na narrativa de Reco-reco, mulher que se autodeclarou branca, percebemos que a participante já presenciou questionamentos sobre a presença de seu corpo na Capoeira: *“fala ‘ah aquela menina branca, tá na Capoeira’ como se não tivesse nada a vê, como que quem praticasse a Capoeira são apenas pessoas negras”*.

O que queremos destacar é que o contexto da Capoeira, como forma de resistência muito ligada à negritude, acaba por destituir o pertencimento étnico-racial “branco” de alguns de seus privilégios como, no caso, ter “habilidades motoras superiores”, quando relacionada a

mulheres negras, na prática da Capoeira. Tal fato pode ser um achado importante para problematizarmos a Capoeira Angola como potente para a construção positiva de um posicionamento identitário que articula “gênero” e “raça” para mulheres pretas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa até o processo de análises aqui relatado, um ponto que nos chamou a atenção foi a construção política das capoeiristas em relação ao corpo frente aos marcadores sociais de gênero, “raça” e valorização da negritude, sobretudo, o que cada uma das participantes pensava sobre si antes de iniciar a prática da Capoeira e como esta potencializou seus posicionamentos após entrar na Capoeira. Todas atuam, ativamente, na militância contra o machismo, sexismo, estereótipos sobre seus corpos e as diversas violências existentes presentes em seus cotidianos e convívios. Essas práticas são pontos importantes para potencializar o coletivo de mulheres na prática da Capoeira Angola, no qual cada uma, vai “plantando sua semente” da (des)construção dos ataques discriminatórios naquele espaço e, de certa forma, impactam outras pessoas do grupo a refletirem, questionarem e se posicionarem contra as diversas violências camufladas, consideradas como “normais” (físicas, psicológicas, domésticas, patrimonial, moral etc.).

Ao analisarmos as contribuições dos dados gerados, percebemos um entendimento das diferenças de tons de pele (pretas, pardas e brancas), mas também, a dúvida de se encaixar dentro dessas categorias “racializadas”. Além disso, sinalizamos as percepções das colaboradoras no que se refere às tentativas de “apagamento” de suas histórias e a concessão social e estrutural do poder para pessoas e instituições opressoras. Dessa forma, a Capoeira Angola foi e é um espaço para “dar cor” (e essa cor é preta!), favorecendo a construção de espaços de resistências contra o racismo e apagamento da história de povos africanos e afro-brasileiros.

Já na segunda questão percebemos que é necessário compreender o que é Capoeira Angola e qual o impacto dessa prática na vida das colaboradoras. Percebemos que elas apontam que a história da Capoeira é atravessada por valores sociais que, de certa forma, legitimam o protagonismo dos homens no poder.

Visualizar a presença de mulheres nesses espaços, falando sobre si e por si mesmas, é fundamental para combater e desconstruir práticas e valores machistas que permeiam os diversos espaços de nossa sociedade, dentre eles, os destinados às práticas corporais e/ou esportivas, como a Capoeira Angola. Assim como a Capoeira resistiu e ainda resiste para ser reconhecida como cultura viva no Brasil, as mulheres resistem para serem reconhecidas e respeitadas como capoeiristas.

Apesar desses enfrentamentos, percebemos certo “endeusamento” que as capoeiristas têm com a Capoeira. Esse endeusamento, também pode ser chamado de respeito ancestral com o povo preto que lutou/luta pela Capoeira todos os dias. Toda essa energia ancestral de

resistência, opera nos corpos daquelas/es que permitem seus corpos serem chamados de encapoeirados.

Contudo, como capoeirista e pesquisadora, esta pesquisa contribuiu em meu processo formativo, envolvendo dedicação, vontade, tempo, paciência, reconhecimento, ética moral etc., para além de um espaço acadêmico. Falar de Capoeira Angola, é falar de pessoas pretas que lutam todos os dias contra uma sociedade racista. É buscar para além de textos sobre suas histórias e ir aonde a Capoeira sempre esteve, nas periferias.

Apesar da felicidade que me opera em colocar esta pesquisa na universidade, me engrandece mais ainda, colocar o recorte do que é ser MULHER e mulher PRETA na Capoeira Angola, podendo servir de exemplo para outras pesquisas que envolvem a Capoeira. Sobretudo, a Capoeira como uma fonte para o autoconhecimento, inacabável e potencializante, que precisa ser cuidada e valorizada, apesar de suas constantes ressignificações.

7. ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIBIC/CNPq) QUE ORIGINOU O TCC

- Participação nas reuniões mensais do GPESP - Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades.
- Integrante do GERCEF - Grupo de Estudos em Raça, Cultura e Educação Física.
- Participação e apresentação de trabalho no evento *Seminário de Direitos Humanos em Educação Física e Esporte/USP*. Título: “O corpo e suas diferenças de gênero e raça na prática de Capoeira Angola”, no dia 17/03/2021.
- Participação e apresentação de trabalho no evento *VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade*. Título: “Mulheres na Capoeira Angola: Entre uma prática cultural e a construção de subjetividades”, realizado entre 14/09/2022 a 17/09/2022.
- Participação e apresentação de trabalho no evento *Jogos Universitários Brasileiros- JUBs*. Título: “Gênero e Ginga: Motivos que levam Mulheres à prática da Capoeira Angola”, realizado entre 19/09/2022 a 24/09/2022.
- Participação no evento organizado pela Federação Internacional do Esporte Universitário- FISU em Cartago, Costa Rica, realizado entre 05/12/2022 a 09/12/2022.





Foto 01 e 02: Participação nos Jogos Universitários Brasileiro- JUBs, Brasília-DF, 2022.

VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

MULHERES NA CAPOEIRA ANGOLA: ENTRE UMA PRÁTICA CULTURAL E A CONSTRUÇÃO DE SUJEITIVIDADES

INTRODUÇÃO

A presente investigação, em nível de Iniciação Científica, se insere nas discussões sobre Educação Física e suas relações com o campo dos estudos de gênero em interseção com a ideia de "raça". O objetivo foi entender o ponto de vista de mulheres pretas e não pretas sobre suas posições sociais na Capoeira Angola. Apesar do processo de construção de suas subjetividades a partir de suas histórias, muitas praticantes têm em comum a conquista e permanência no espaço da Capoeira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Apresentamos as respostas de quatro mulheres, praticantes da Capoeira Angola de um Coletivo de Mulheres Capoeiristas. Cada participante recebeu, logo a assinatura e TCE. Como instrumento para a geração de dados, utilizamos um roteiro de entrevista estruturada que foi construída de forma remota, desde a época de pandemia do COVID-19. Dessa maneira, discutimos as respostas das mulheres à questão: **Como você se reconhece sendo Capoeirista?**

Nas análises que seguem atribuímos um nome fictício para cada participante, protegendo sua integridade e garantindo o anonimato. Os nomes escolhidos remetem a alguns instrumentos que compõem uma roda de Capoeira: **Cabaça, Pandeiro, Berimbau e Atabaque**.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nome	Resposta
Cabaça	"Desde antes dos treinos de desenvolvimento do corpo, senti essa desconexão corporal, incomodada, incompreendida, de vez em quando, exposta na roda fora do ambiente da Capoeira (treinabu, casa, rua, etc.)."

CONCLUSÃO

Concluímos, que os motivos que levam mulheres ao reconhecimento como capoeiristas fazem parte de um processo formativo de subjetividades, envolvendo dedicação, vontade, paciência, reconhecimento, ética, moral etc. Da seja, a Capoeira como uma forma para o autoconhecimento, descoberta e potencialização, que precisa ser cuidada e valorizada apesar de suas constantes resignificações, que vai ao encontro com a ideia de Silva (2006), dizendo que a identidade é uma produção cultural que depende de linguagem e significados atribuídos por determinado grupo.

REFERÊNCIAS

SILVA, Tomas Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

Foto 03: Apresentação no VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2022.

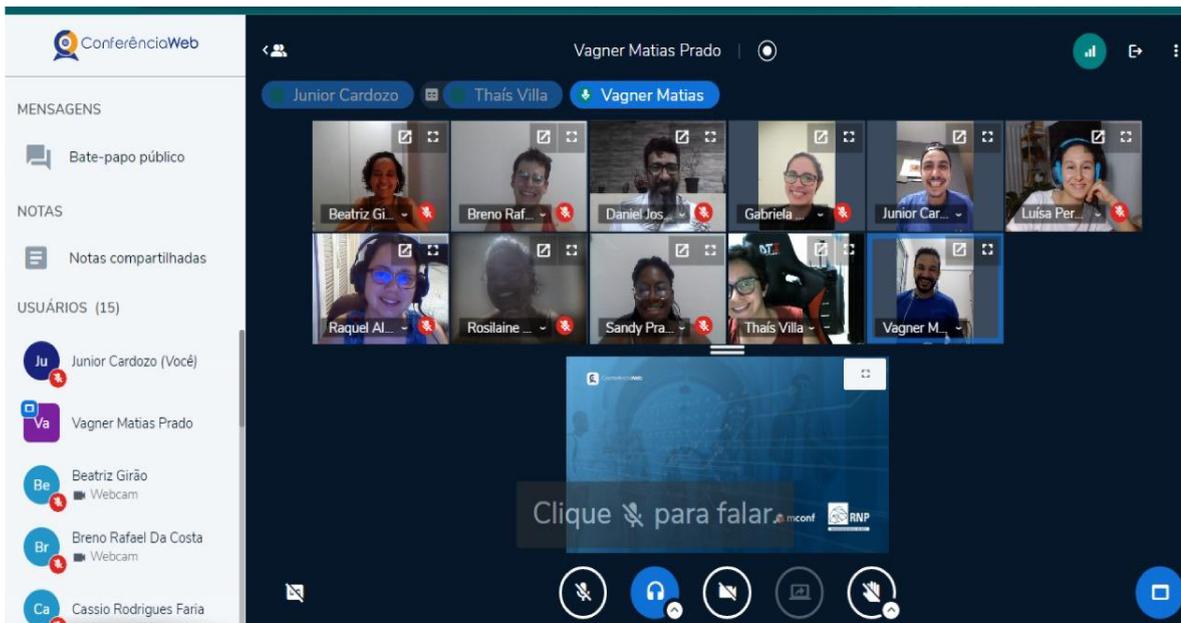


Foto 04: Reunião Mensal do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades, 2022.



Foto 05: Encontros semanais do Grupo de Estudos em Raça, Cultura e Educação Física, 2020.

Certificado

Certificamos que o trabalho intitulado
O corpo e suas diferenças de gênero e raça na prática de Capoeira Angola, de autoria de **Sandy Cristine Prata de Oliveira**
Vagner Matias do Prado
 foi apresentado no Seminário de Direitos Humanos em Educação Física e Esporte: desafios e perspectivas, na categoria "V - Igualdade
 Étnico-racial".
 O evento foi realizado em formato remoto, no período de 7 a 17 de março de 2021.

São Paulo, 17 de Março de 2021.



Prof. Dr. Sérgio Roberto Silveira
 Presidente do Evento e do Núcleo de Direitos Humanos da Escola de
 Educação Física e Esporte - USP

Seminário de
 Direitos Humanos em
 Educação Física e Esporte
 2021

NOMEFPE
 Núcleo de Direitos Humanos
 da Escola de Educação Física
 e Esporte da USP

ESCOLA DE
 EDUCAÇÃO FÍSICA
 E ESPORTE
 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

Foto 06: Apresentação no Seminário o Seminário de Direitos Humanos em Educação Física e Esporte: desafios e perspectivas, na categoria "V - Igualdade Étnico-racial", 2021.



Foto 07: Participação no Evento Desportivo organizado pela FISU em Cartago, Costa Rica, 2022.

8. REFERÊNCIAS

ABREU, Valtenir Soares. COLONIZAÇÃO E TENTATIVAS DE APAGAMENTO DAS CULTURAS INDÍGENAS: A VIAGEM DE HAMILTON RICE À GUIANA BRASILEIRA. **Revista Geadel**, [S. l.], v. 3, n. 04, p. 50–63, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/GEADEL/article/view/6090>. Acesso em: 15 set. 2022.

AIDAR, Laura. **CAPOEIRA**. Toda Matéria. 2010. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capoeira/>. Acesso em : 19/09/2020.

ALVES, Caroline. Francielle; OLIVEIRA, Maria. Regina. Lima. “**Não me chama de princesa**”: o mito da fragilidade feminina e o desprincesamento em “As meninas super poderosas”. Goiânia. Gênero e Sexualidade no audiovisual. 2017.

ALVES, Leonardo. Prata.; MONTAGNER, Paulo. César. A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. **Conexões**, Campinas, SP, v. 6, p. 510–521, 2008. DOI: 10.20396/conex.v6i0.8637853. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637853>. Acesso em: 15 set. 2022

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, BA, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40.753. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311361132_O_QUE_E_UM_ESTUDO_DE_CASO_QUALITATIVO_EM_EDUCACAO . Acesso em: 15 set. 2022

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Sou discípulo que aprende, meu mestre me deu lição: tradição e educação entre os angoleiros bahianos (anos 80 e 90)**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lista de Resoluções**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 01/02/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lista de Resoluções**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Manual operacional para comitês de ética em pesquisa / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRAGA, Janine; Saldanha, Bianca. **Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada**. UNIFOR. Fortaleza, 2014.

BRITO, Débora. **Mulheres usam roda de capoeira como espaço de luta pela igualdade**. Agência Brasil, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mulheres-usam-roda-de-capoeira-como-espaco-de-luta-pela-igualdade>>. Acesso em: 06/09/2020.

CALDAS, Paulo Cirne. **A televisão é uma forma de vida**. Entrevistado: Muniz Sodrê. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 16, dez. 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3135/0> Acesso em: 1 nov. 2019.

CAVIEDES, Mauricio. **A dificuldade do feminismo para explicar o lugar da mulher nas**

lutas indígenas: o caso dos movimentos indígenas na Colômbia. Florianópolis-SC. Fazendo gênero 10. 2013, p.7.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola** / Hélio Campos. _ Salvador: EDUFBA, 2001. 153p; il. ISBN: 85-232-0223-4.

CARVALHO, José. Murilo de. **A Formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alian. Dicionários dos símbolos-mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13ªed. Rio de Janeiro, José Olympio Editores, 1999.

CORNWELL, Anita (1978). “Three for the price of one: notes from a gay black feminist,” em JAY, Karla & YOUNG, Alien (eds.). *Lavender culture*. New York: Jove Books (Harcourt Brace Jovanovich). p. 466-76.

COSTA, Suellen Alves; SILVA, Flávia Gonçalves; PALHARES, Leandro Ribeiro. Ludicidade e Capoeira na Infância. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.51-66, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236- 0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.5982.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Editora Boitempo, 2016.

FARIA, Maressa; ARAÚJO, Nayara. **O gingado que vem da África: A Capoeira na construção da identidade negra no Brasil.**- Goiás, 2018.

FORD, Clyde. **O herói com rosto africano: mitos da África.** Tradução: Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.

FONSECA, Manuel Deodoro. **Decreto N° 847, 11 de outubro de 1890.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm> Acesso em: 01/09/2020.

Fundação Eletrônica VIVO. Três coletivos feministas que representam a luta da mulher negra. Disponível em: <https://fundacaotelefonicaativo.org.br/noticias/tres-coletivos-feministas-que-representam-a-luta-da-mulher-negra/> . Acesso em: 15/09/2022.

GOMES, Rosângela. **Um corpo que fala: o protagonismo das Mulheres Negras na Capoeira Angola.** Revista de biblioteconomia e Ciência da Informação. v. 5, n. esp., p. 81-87, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos 2008. **Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População.** Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos 2008. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KRISTEVA, Julia. Powers of horror: an essay on abjection. New York: Columbia UP, 1982

LEME, Adineia. **A Capoeira e a legislação de 1890**. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_38_1441742761.pdf>. Acesso em: 01/09/2020.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

LORDE, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde**, [s.d].. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-popolacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf>. Acesso em: 08/09/2020.

MACHADO, Sara Abreu Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa. **Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora**. Horizontes, v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. *Anais...* Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MENEZES, Leticia de Oliveira. **Pode uma subalter gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas**. Revista Espaço Acadêmico. Maringá (PA) - n. 225- nov./dez. 2020.

MINAYO, Maria. C. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MOORE, Henrietta L. **Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência**. UCL Institute for Global Prosperity, 2000.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

NZINGA. **Grupo Nzinga de Capoeira Angola**. Disponível em: <http://nzinga.org.br/pt-br/capoeira_angola>. Acesso em: 20/09/2020.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Butler. *Periódicus*, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015.

REINHOLZ, Fabiana. 25 de julho: A visibilidade da mulher negra e a luta para romper o silêncio. **Revista Brasil de fato**. Disponível em: <<https://www.brasildefatores.com.br/2019/07/25/25-de-julho-a-visibilidade-da-mulher-negra-e-a-luta-para-romper-o-silencio>>. Acesso em: 31/08/2022.

RODRIGUES, Judivânia Maria Nunes. **O corpo feminino no jogo da Capoeira Angola**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor; RODRIGUES, Alexsandro.

Ordem, Limpeza e Germinação: regulação da vida nas escolas cívico-militares. *educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, e 98452, 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623698452>.

SANTOS, Bruna Lucia dos. A práxis coletiva do feminismo negro na luta pelo direito à cidade. *Revista da ANPEGE*, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 351–366, 2021. DOI: 10.5418/ra2021.v17i32.12474. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12474>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. **DA LINGUAGEM, DO CORPO, DA CAPOEIRA...**- Diamantina- MG, [s.d].

SANTOS, Wanderson Rodrigo Marçal dos. **A IMPORTÂNCIA DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Vitória de Santo Antão, 2017.

SANSONE, Livio, PINHO, Osmundo Araújo (Orgs). 2. ed. Rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia, EDUFBA, 2008.

SENA, Ivanildes Teixeira. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola**. 2015. 150 p. Dissertação (Mestrado em crítica cultural) - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Grazielle Roberta Freitas et al (2006).. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *Revista Brasileira de Enfermagem Online*, 5 (2), 246-257.

SILVA, Paulo César. **As ladainhas e os corredos da capoeira angola:** uma das formas de resistência do canto negro. Uberlândia, 2015.

SILVA, Rayanne Medeiros da. **Capoeira e Gênero: as implicações dessa relação para a prática**, - Natal, 2015.

TARAVES, Joana Brandão. **PISADA DE CABOCLA:** capoeira como veículo de ancestralidade, memória e resgate feminista da história. UFBA. Vol.7, N.3, Set. – Dez. 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afrobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf>. Acesso em: 09/02/2022.

WEBER, Suzane. **Metodologia de inspiração etnográfica em pesquisas de práticas corporais artísticas**. Departamento de Teatro/ Instituto de Artes/ UFRGS. 2010.

VITÓRIA, A. A Malta de Saias Ginga na UFRN: desconstruindo o machismo na roda viva. *Revista INTERFACE* – Natal/RN – v.12 nº 2 | jul/dez 2015.

ZIMBA. **Grupo de Capoeira Angola Zimba**. Disponível em: <http://grupozimba.weebly.com/mulheres-na-capoeira.html>. Acesso em: 20/09/2020.

9 ANEXOS

9.1 ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada **“O corpo encapoeirado’ como linguagem frente às diferenças de gênero e raça”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Sandy Cristine Prata de Oliveira, graduanda do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia e orientada pelo pesquisador Vagner Matias do Prado.

Nesta pesquisa nós estamos buscando identificar os motivos que levam a ausência do protagonismo das mulheres pretas e não pretas na prática da Capoeira Angola, sendo-as integrantes do coletivo de Capoeira Angola pesquisado. Todas as fases da pesquisa serão realizadas através de plataformas virtuais (e-mail, WhatsApp e Zoom). A fase inicial da pesquisa será disponibilizada o formulário apresentando o TCLE, e por fim, conduzidas ao questionário para perfil da participante e entrevista estruturada, sendo assim, a utilização apenas de plataformas virtuais, devido a pandemia da Covid-19.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será aplicado via Google Formulários, sendo divulgado em sua totalidade na primeira página do formulário. Após a leitura do TCLE, haverá duas opções de marcação, são elas: Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido. Eu não aceito participar do projeto citado acima, após ter sido devidamente esclarecido. A participante que aceitar participar da pesquisa será encaminhado a outro link contendo o questionário perfil. Caso a participação não for aceita, a pessoa será direcionada à página de envio do formulário, finalizando assim sua participação.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Sandy Cristine Prata de Oliveira e pelo pesquisador Vagner Matias do Prado. O termo será aplicado via *Formulários Google* antes das perguntas específicas do estudo. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você será submetida a um questionário fechado a fim de traçar o seu perfil social e profissional e, posteriormente, a uma entrevista estruturada objetivando conhecer a temática da falta de protagonismo da mulher preta e não preta na prática da Capoeira Angola. O questionário e a entrevista serão realizados de FORMA ONLINE, por isso a importância de guardar em seus arquivos uma via desse documento. Sendo assim, discutiremos um melhor horário para a realização dessas coletas de dados, em que seja acessível a você.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Além disso, há o compromisso dos/as pesquisadoras/es de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Os benefícios serão as contribuições e incentivos às pesquisas universitárias, bem como o desenvolvimento da ciência. Os benefícios ao final da pesquisa estão relacionados aos resultados, de modo que serão enviados para as participantes em forma de relatório e a todo momento a pesquisadora estará à disposição para explicações por meio do número de contato que será entregue a cada participante. Os riscos dizem respeito à possibilidade de identificação da participante e desconforto em responder algum tipo de questionamento. Para contornar essa situação, cada voluntária receberá um código genérico (ex: usuário01) e nenhum dado pessoal será armazenado, e também a possibilidade de não responder qualquer questionamento o qual se sentirem constrangidas, podendo desistir a qualquer momento da participação.

Rubrica Participante

Rubrica Pesquisadora

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Sandy Cristine Prata de Oliveira via e-mail sandyprata1207@gmail.com ou telefone (34) 99217-0378. Essa pesquisa está vinculada à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), localizada no *campus* Educação Física, Rua Benjamin Constant, nº 1286, Uberlândia – MG, CEP 38400-678.

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link:

https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura da participante de pesquisa

9.2 ANEXO B- PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA JUNTO AO COMITÊ DE ÉTICA VIA PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O CORPO ENCAPOEIRADO COMO LINGUAGEM FRENTE ÀS DIFERENÇAS DE GÊNERO E RAÇA

Pesquisador: Vagner Matias do Prado

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 58229521.7.0000.5152

Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.568.967

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº 1828786 e Projeto Detalhado (ProjetoDetalhadoBrochuralInvestigadorCorrigidoasPendências.pdf), postados em 03/08/2022.

INTRODUÇÃO - A temática eleita para a pesquisa se insere nas discussões sobre gênero em interseção com a ideia de raça, para questionar o ponto de vista das mulheres pretas sobre suas posições sociais nas práticas corporais e esportivas. Mais especificamente, como nos locais destinados à prática da Capoeira, as mulheres se relacionam e estabelecem conexões entre a prática exercida, a posição de mulher e como a categoria "raça" transpassa tais relações.

METODOLOGIA

(A) Pesquisa/Estudo – A abordagem da pesquisa será qualitativa.

(B) Tamanho da amostra – 11 participantes.

(C) Recrutamento e abordagem dos participantes – "As capoeiristas serão convidadas a



Continuação do Parecer: 5.568.967

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS - Delinear o perfil social das mulheres praticantes de Capoeira Angola; Averiguar, quais os principais motivos que as levam mulheres a aderirem na prática; Identificar como as praticantes percebem as relações entre gênero e raça na prática da Capoeira.

HIPÓTESE - A partir dos resultados que serão obtidos, estima-se que: O espaço social da Capoeira não está condicionada à mulher e como esse padrão pode ser um incômodo para a permanência da capoeirista na cultura tradicional e no grupo de Capoeira Angola; A pressão estrutural que a mulher preta tem a partir do racismo, pois na Capoeira há uma "romantização" das pessoas pretas como sábias em assuntos da cultura capoeirística.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS - Os riscos dizem respeito à possibilidade de identificação da participante e desconforto em responder algum tipo de questionamento. Para contornar essa situação, cada voluntária receberá um código genérico (ex: usuário01) e nenhum dado pessoal será armazenado, e também a possibilidade de não responder qualquer questionamento o qual se sentirem constrangidas, podendo desistir a qualquer momento da participação.

BENEFÍCIOS - Já os benefícios serão as contribuições e incentivos às pesquisas universitárias, bem como o desenvolvimento da ciência. Os benefícios ao final da pesquisa estão relacionados aos resultados, de modo que serão enviados para as participantes em forma de relatório, e a todo momento a pesquisadora estará à disposição para maiores explicações por meio do número de contato telefone que será entregue a cada participante.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pendências listadas no Parecer Consubstanciado nº 5.542.521, de 25 de julho de 2022, seguem abaixo, bem como a resposta da equipe de pesquisa e a análise de atendimento ou não da pendência feita pelo CEP/UFU.

Pendência 4 - Considerando o trâmite de análise e aprovação do comitê, o CEP/UFU solicita atualização no cronograma de pesquisa para que a etapa de coleta de dados tenha início após a aprovação do protocolo pelo CEP/UFU. Adequar no Formulário Plataforma Brasil e Projeto Detalhado.



Continuação do Parecer: 5.568.967

participarem da investigação, a partir de um contato inicial com o Mestre do grupo, que promoverá um encontro das possíveis participantes com os pesquisadores que irão apresentar os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo A). [...]"

(D) Local e instrumento de coleta de dados / Experimento – "A forma de coleta de dados será realizada a partir de questionários fechados (Apêndice A), e entrevistas estruturadas (Apêndice B) observação participante, caderno de campo. Tudo será realizado de forma remota, devido à pandemia de COVID-19."

(E) Metodologia de análise dos dados – Análise de Conteúdo.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO – "Para participarem, como termos de inclusão, serão necessários: 1) Ser capoeirista/integrantes do coletivo de Capoeira Angola que será pesquisado; 2) Aceltar, voluntariamente, participar da investigação; 3) Ter acima de 18 anos; 4) Ler, consentir e assinar o TCLE e devolver uma via para a pesquisadora"

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO – "Já o critério de exclusão será: 1) Não ter como participar das entrevistas e diálogos de forma remota; 2) Desistir de participar da investigação em qualquer momento sem ônus; 3) Ter idade abaixo de 18 anos. "

CRONOGRAMA

Contato com a instituição e participantes - 14/09/2022 a 21/09/2022

Contato com colaboradoras - 21/09/2022 a 28/06/2022

Aplicação do questionário - 21/09/2022 a 28/09/2022

Condução das entrevistas - 05/10/2022 a 12/10/2022

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ 400,00.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO - Compreender os motivos que levam mulheres adultas a praticar a Capoeira Angola e como o marcador social de raça perpassa as relações entre elas em um grupo de Capoeira de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais.



Continuação do Parecer: 5.568.967

RESPOSTA - "Atualização do Cronograma de Execução da pesquisa na Plataforma Brasil e no Projeto Detalhado, de forma que a data de início da coleta de dados seja feita após a aprovação do protocolo pelo CEP/UFU."

ANÁLISE DO CEP/UFU - Pendência atendida.

=====

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos:

- 1) DadosGrupoCoparticipante.pdf
- 2) Formulário do TCLE
- 3) Declaração devidamente assinada da instituição coparticipante
- 4) Projeto Detalhado
- 5) Folha de Rosto com as devidas assinaturas
- 6) Currículo Lattes dos pesquisadores
- 7) Termo de compromisso da equipe executora
- 8) Projeto reformulado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências listadas no Parecer Consubstanciado nº 5.542.521, de 25 de julho de 2022, foram atendidas. Portanto, nesta versão o CEP/UFU não encontrou nenhum óbice ético.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: JANEIRO/2023*.

* Tolerância máxima de 01 mês para o atraso na entrega do relatório final.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER



Continuação do Parecer: 5.588.967

INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto;

c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, na íntegra, por ele assinado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeira ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso



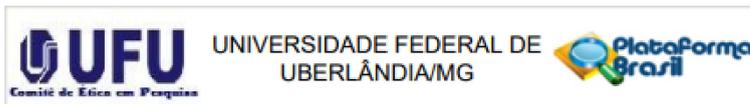
Continuação do Parecer: 5.588.967

normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – apresentando o seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1826786.pdf	03/08/2022 17:03:09		Áceito
Outros	RespostasPendenciasAgo2022.pdf	03/08/2022 16:42:33	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoBrochuraCorrigidoasPendenciasAgo.pdf	03/08/2022 16:41:45	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoBrochuraCorrigidoasPendenciasJul2022.pdf	29/07/2022 21:13:10	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	CartaPendenciasJun2022.pdf	28/06/2022 18:24:54	Vagner Matias do Prado	Áceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECorrigidoasPendenciasJun2022.pdf	27/06/2022 21:53:07	Vagner Matias do Prado	Áceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoBrochuraCorrigidoasPendenciasJun2022.pdf	27/06/2022 21:52:50	Vagner Matias do Prado	Áceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoBrochuraInvestigadorCorrigidoasPendencias.pdf	01/06/2022 14:37:39	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	DadosGrupoC participante.pdf	28/04/2022 13:25:39	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	27/04/2022 17:49:55	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito



Continuação do Parecer: 5.588.967

Ausência	TCLE.pdf	27/04/2022 17:49:55	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	FormularioTCLE.pdf	27/04/2022 17:15:14	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	InstituicaoCoParticipante.pdf	27/04/2022 15:55:23	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	26/04/2022 17:57:33	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	PlataformaLattesVagner.pdf	25/04/2022 10:37:34	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	EquipeExecutora.pdf	17/11/2021 14:38:35	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	CurriculoLattes.pdf	05/10/2021 15:16:35	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	ApndiceA.pdf	05/10/2021 14:40:08	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito
Outros	ApndiceB.pdf	05/10/2021 14:39:35	SANDY CRISTINE PRATA DE OLIVEIRA	Áceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLANDIA, 08 de Agosto de 2022

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

10 APÊNDICES

10.1 APÊNDICES A - Questionário para perfil da participante

PESQUISA “A LINGUAGEM DO ‘CORPO ENCAPOEIRADO’ FRENTE ÀS DIFERENÇAS DE GÊNERO E RAÇA”.

Data: ____/____/____

- 1) Qual sua idade? _____

- 2) Qual seu nível de escolaridade?
 Fundamental Incompleto/Completo Ensino Médio Incompleto/Completo Ensino Superior Incompleto/Completo Outro. Qual? _____

- 3) Qual sua média de renda familiar mensal? *Salário mínimo R\$1.045 1 à 3 salários 4 à 6 salários mais de 6 salários

- 4) Qual gênero você se autodeclara?
 Mulher CIS Transsexual Não binário Outro. Qual ? _____

- 5) Qual sua orientação sexual?
 Bissexual Lésbica Assexual Panssexual Heterossexual Outro. Qual?

- 6) Qual seu Estado Civil?
 Solteira Casada União Estável(Cartório) Viúva Mora com Companheiro/a

- 7) Tem filhos/as? Se sim, quantos/as?
 Não 1 à 2 3 à 4 mais de 5

- 8) Qual sua profissão?

- 9) Quanto tempo de prática na Capoeira?

menos de 1 ano 1 à 3 anos 4 à 6 anos 7 à 9 anos mais de 10 anos

10) Quanto tempo de prática tem DENTRO deste Grupo?

menos de 1 ano 1 à 3 anos 4 à 6 anos 7 à 9 anos mais de 10 anos

11) Você se sente representada dentro da Capoeira em geral?

SIM NÃO

10. 2 APÊNDICE B - Entrevista Estruturada

Data: ____ / ____ / ____

VOCÊ SE AUTODECLARA:

- Branca
 Parda
 Indígena
 Preta (termo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)) Outro

1. Quando iniciou a prática da Capoeira?

2. Como você se reconhece, sendo capoeirista?

3. Quais motivos te levam a permanecer na Capoeira?

4. Como a Capoeira influencia na sua vida?

5. Quais suas percepções do Ser mulher dentro da Capoeira?

6. O que é ser mulher preta/branca/parda na Capoeira? *Responda conforme sua autodeclaração.

7. Como você interpreta a seguinte frase: “Mulher com o corpo encapoeirado”?

8. Você já se sentiu desconfortável na Capoeira, devido ao seu corpo?

9. Como mulher preta/branca/parda, como você se sente no grupo que pertence?
*Responda conforme sua autodeclaração.

10. Para você, o que é ser mulher hetero/bissexual/panssexual na Capoeira?

11. Você se sente representada, dentro da sua orientação sexual, na capoeira? E no seu grupo?

12. Você sente alguma cobrança da Capoeira?
